



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES  
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS/FRANCÊS**

**FEMINISMO EM REDE SOCIAL: O DISCURSO FEMINISTA NA PÁGINA  
FEMINISMO MARXISTA NO FACEBOOK**

**MACAPÁ**

**2022**

**JOYCE VITÓRIA MARTINS CRUZ**

**FEMINISMO EM REDE SOCIAL: O DISCURSO FEMINISTA NA PÁGINA  
FEMINISMO MARXISTA NO FACEBOOK**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras Português/Francês do Departamento de Letras/Artes/Teatro/Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (DEPLA/UNIFAP), como requisito parcial à obtenção do título Licenciado em Letras com Habilitação em língua portuguesa e francesa.

**ORIENTADOR: PROF. DR. ROSIVALDO GOMES**

**MACAPÁ  
2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca Central/UNIFAP-Macapá-AP  
Elaborado por Mário das Graças Carvalho Lima Júnior – CRB-2 / 1451

---

- C957 Cruz, Joyce Vitória Martins.  
Feminismo em rede social: o discurso feminista na página Feminismo Marxista no Facebook / Joyce Vitória Martins Cruz. - 2022.  
1 recurso eletrônico. 87 folhas.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Amapá, Coordenação do Curso Letras/Francês, Macapá, 2022.  
Orientador: Rosivaldo Gomes.
- Modo de acesso: World Wide Web.  
Formato de arquivo: Portable Document Format (PDF).
1. Discurso. 2. Feminismo Marxista. 3. Redes sociais - Facebook. I. Gomes, Rosivaldo, orientador. II. Universidade Federal do Amapá. III. Título.

CDD 23. ed. – 808.5

---

CRUZ, Joyce Vitória Martins Cruz. **Feminismo em rede social**: o discurso feminista na página Feminismo Marxista no Facebook. Orientador: Rosivaldo Gomes. 2022. 87 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Coordenação do Curso Letras/Francês. Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2022.

**JOYCE VITÓRIA MARTINS CRUZ**

**FEMINISMO EM REDE SOCIAL: O DISCURSO FEMINISTA NA PÁGINA  
FEMINISMO MARXISTA NO FACEBOOK**

***BANCA EXAMINADORA***

---

Professor Dr. Rosivaldo Gomes

Departamento de Letras e Artes – UNIFAP

**ORIENTADOR**

---

Professor Dr. Ednaldo Tartaglia Santos

Departamento de Letras e Artes – UNIFAP

**AVALIADOR INTERNO**

---

Professora Esp. Marilene Almeida

Departamento de Letras e Artes – UNIFAP

**AVALIADORA EXTERNA**

Macapá, 28 de outubro de 2022.

*“Sei que vocês sentem comichões e vontade de vaiar quando veem uma mulher de cor se levantar e falar a respeito de coisas e dos direitos das mulheres. Nós fomos tão rebaixadas que ninguém pensou que iríamos nos levantar novamente; mas já fomos pisadas por tempo demais; vamos nos reerguer, e agora eu estou aqui.” (Sojourner Truth)*

CRUZ, Joyce Vitória Martins Cruz. **Feminismo em Rede Social: O Discurso Feminista na Página Feminismo Marxista no Facebook.** 2022. 87 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso licenciatura plena em Letras Português/Francês e suas respectivas literaturas – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2022. 87 p.

**RESUMO:** As redes sociais a algumas décadas começaram a conquistar espaços em nossas vidas, e hoje, mais que nunca, são quase indispensáveis em nosso cotidiano, visto que, não são apenas espaços de entretenimento, ou meros âmbitos de trocas de informações quaisquer. Ao contrário, as redes sociais se tornaram uma extensão vida off-line no online, e com isso, diversas pautas, lutas sociais e discursos, encontraram espaços férteis para o crescimento como é o caso do ativismo da vertente Feminista Marxista. Dito isso, o presente trabalho, desenvolvido no Núcleo de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplicada (NEPLA), tem como escopo investigar os discursos feministas marxistas propalados na página intitulada “Feminismo Marxista”, na rede social Facebook. O referencial teórico do trabalho está alicerçado na Análise de Discurso Crítica (VIERA; MACEDO, 2018; MELO, 2018; FAIRCLOUGH, 2019), no intuito de buscar compreensão a respeito dos discursos da agenda Feminista Marxista (SAFIOTTI, 1987; REED, 2008; ZETKIN, 1956) divulgados na rede social. Esta pesquisa sustenta-se nos estudos da Linguística Aplicada Indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), de tipo qualitativa-interpretativista (CHIZZOTI, 1991; MOITA LOPES, 1994), porque interessa os discursos enquanto ferramentas de construção ou reconstrução do mundo ao seu redor dos sujeitos, e o trabalho tem a sua metodologia situada na netnografia (KOZINETTS, 2014; HINE, 2004) em razão do locus ser em uma rede social. Os resultados demonstraram que a página direciona os seus discursos a temas de acordo com a agenda marxista, e essas feministas se posicionam em assuntos como a violência contra a mulher, além disso, tais ativistas mantêm em seus discursos a importância de ter uma posição política ativa na sociedade, e ressaltam os diversos papéis sociais que as mulheres podem conquistar. Tais discussões favoreceram o entendimento do quão significativo tem sido o ativismo feminista marxista no Facebook, de modo que, os discursos compartilhados na rede têm possibilitado o rompimento do silêncio em torno de opressões, machismos, desigualdades que antes eram normalizados porque não eram pautas tão acessíveis como são hoje por intermédio do acesso as redes sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso; Feminismo Marxista; Facebook; Redes Sociais

CRUZ, Joyce Vitória Martins Cruz. **Feminismo em Rede Social: O Discurso Feminista na Página Feminismo Marxista no Facebook.** 2022. 87 folhas. Trabalho de Conclusão de Curso licenciatura plena em Letras Português/Francês e suas respectivas literaturas – Universidade Federal do Amapá, Macapá, 2022. 87 p.

**RÉSUMÉ:** Il y a quelques décennies, les réseaux sociaux ont commencé à conquérir des espaces dans nos vies, et aujourd'hui, plus que jamais, ils sont presque indispensables dans notre vie quotidienne, car ce ne sont pas seulement des espaces de divertissement, ou de simples espaces d'échange d'informations. Au contraire, les réseaux sociaux sont devenus une extension de la vie hors ligne vers en ligne, et avec cela, divers agendas, luttes sociales et discours ont trouvé des espaces fertiles de croissance, comme c'est le cas de l'activisme du courant marxiste féministe. Cela dit, le présent travail, développé dans le Núcleo de Estudos e Pesquisas em Linguística Aplicada (NEPLA), vise à enquêter sur les discours féministes marxistes propagés sur la page intitulée « Marxist Feminism », sur le réseau social Facebook. Le cadre théorique du travail est basé sur l'Analyse Critique du Discours (VIERA; MACEDO, 2018; MELO, 2018; FAIRCLOUGH, 2019), afin de chercher à comprendre les discours de l'agenda marxiste féministe (SAFIOTTI, 1987; REED, 2008; ZETKIN, 1956), publiés sur le réseau social. Cette recherche s'appuie sur des études de Linguistique Appliquée Interdisciplinaire (MOITA LOPES, 2006), de type qualitatif-interprétatif (CHIZZOTI, 1991; MOITA LOPES, 1994), parce que les discours ont un intérêt en tant qu'outils de construction ou de reconstruction du monde qui les entoure par les sujets et le travail a sa méthodologie située dans la netnographie (KOZINETS, 2014; HINE, 2004) parce que le locus est sur un réseau social. Les résultats ont montré que la page oriente ses discours vers des thèmes selon l'agenda marxiste, et que ces féministes prennent position sur des questions telles que la violence à l'égard des femmes, de plus, ces militantes maintiennent dans leurs discours l'importance d'avoir une position politique active dans la société, et mettent l'accent sur les différents rôles sociaux que les femmes peuvent conquérir. De telles discussions ont favorisé la compréhension de l'importance de l'activisme féministe marxiste sur Facebook, de sorte que les discours partagés sur le réseau ont permis de briser le silence autour de l'oppression, du machisme, des inégalités qui étaient auparavant normalisées car elles n'étaient pas des lignes directrices si accessibles. comme ils le sont aujourd'hui grâce à l'accès aux réseaux sociaux.

**MOTS-CLÉS:** Discours; Marxist Feminism; Facebook; Réseaux Sociaux

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1:</b> Organização esquemática dos passos de uma pesquisa netnográfica. ....	43
<b>Figura 2:</b> Imagens da capa e do perfil da página Feminismo Marxista.....	45
<b>Figura 3:</b> Primeiro modelo de concepção tridimensional do discurso. ....	54
<b>Figura 4:</b> Publicação da página sobre o tema Política.....	60
<b>Figura 5:</b> Reportagem sobre violência sexual de Cristiano Ronaldo. ....	63
<b>Figura 6:</b> Questão social. ....	68
<b>Figura 7:</b> Abordagens relacionadas ao comunismo e marxismo.....	71
<b>Figura 8:</b> Histórias Marcantes de Mulheres. ....	75

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1:</b> Os temas recorrentes durante o período de agosto de 1º de agosto de 2018 a 31 de dezembro de 2019.....	49
<b>Quadro 2:</b> Classificação do detalhamento das dezessete postagens mais comentadas no período de 1º agosto de 2018 a 31 dezembro de 2019. ....	50
<b>Quadro 3:</b> Categorias com mais recorrências no período de 1º de agosto de 2018 a 31 dezembro de 2019.....	51
<b>Quadro 4:</b> Conceitos das categorias de análise da ADC utilizadas neste trabalho de conclusão de curso.....	56
<b>Quadro 5:</b> Dados para análise refinados a partir do Quadro 3. ....	59
<b>Quadro 6:</b> As suas práticas sociais. ....	62
<b>Quadro 7:</b> Do processo de produção da Feminismo Marxista. ....	64
<b>Quadro 8:</b> Contexto das publicações.....	67

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>CAPÍTULO 1: ONDAS FEMINISTAS, FEMINISMOS NAS REDES E FEMINISMO MARXISTA</b> .....	14
<b>1.1 Contexto das ondas</b> .....	14
<b>1.2 Feminismos nas redes sociais e a quarta onda feminista</b> .....	20
<b>1.3 Feminismo Marxista</b> .....	28
<b>CAPÍTULO 2: PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA</b> .....	39
<b>2.1 Pesquisa qualitativa-interpretativista em Linguística Aplicada de tipo netnográfica</b> .....	39
<b>2.2 Etapas, geração de dados na netnografia: o contexto netnográfico na página Feminismo Marxista</b> .....	41
<b>3 ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA</b> .....	53
<b>3.1 ADC, Discurso e as categorias de análise</b> .....	53
<b>CAPÍTULO: 4 ANÁLISE DOS DISCURSOS DA PÁGINA FEMINISMO MARXISTA</b> .....	58
<b>4.1 O percurso adotado na análise dos dados</b> .....	58
<b>4.2 (Discurso como) Práticas sociais: o comportamento da página</b> .....	58
<b>4.3 Práticas discursivas: detalhando o funcionamento dos discursos</b> .....	64
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	81
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	83

## INTRODUÇÃO

O advento das tecnologias, especialmente as digitais, possibilitou uma série de mudanças nas sociedades, principalmente na maneira como os sujeitos traçam as suas relações uns com os outros. Novas formas de interações passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas, entre elas, pode-se destacar aquelas mediadas pelo uso de sites, blogs, aplicativos de mensagem instantânea (*Telegram, Whatsapp, Messenger* etc.) e as redes sociais, que conquistaram um lugar cativo na vida de milhões de pessoas ao redor do mundo.

A imponentia das redes sociais é significativa de tal modo que o vídeo de um gato brincando, uma *live* musical<sup>1</sup>, o compartilhamento do dia a dia de um digital *influencer* o discurso de uma personalidade política, ou até mesmo de uma pessoa anônima podem tomar proporções inimagináveis.

Todavia, a repercussão de vídeos, lives ou quaisquer outras informações compartilhadas nas redes sociais não ficam restritas apenas aos ambientes virtuais nos quais circulam com facilidade, mas também, no mundo exterior, isto é, fora da tela do computador, do smartphone, do tablet ou de qualquer outro aparelho de comunicação, com consequências diversas.

Diante dessa possibilidade de alcance, os movimentos feministas – e aqui destaco o Feminismo Marxista – ganharam diferentes maneiras de difundirem seus discursos, suas perspectivas, seus ideais, ou seja, a sua agenda, tendo por base a apropriação de redes sociais enquanto ferramenta que auxilia no compartilhamento das ideias das vertentes. Nesse sentido, ao buscar compreender acerca da ocorrência desses discursos por meio da Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2019), em um contexto virtual investigação (KOZINETS, 2014) de uma página Feminista Marxista (SAFIOTTI, 1987) no Facebook – com o suporte de áreas dos campos de estudos das Ciências Sociais e Ciências Humanas –, dei início e prosseguimento a duas pesquisas de iniciação científica voluntária (PROVIC) no período de 1º de agosto de 2018 a 31 de dezembro de 2019.

A primeira delas foi a **“Vozes que Ecoam nas Redes Sociais: O Ciberfeminismo, o Ativismo Digital e Discurso de Divulgação do Feminismo”** e a última **“O Ciberfeminismo e Ativismo Feminista na Página do Facebook Feminismo**

---

<sup>1</sup> Marília Mendonça tema *live* mais vista da história do Youtube. Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/2021/11/05/internet-e-redes-sociais/marilia-mendonca-tem-a-live-mais-vista-da-historia-do-youtube/>>. Acesso em: 24 jan. 2022.

**Marxista**”, ambas vinculados ao macroprojeto “Discurso, Poder e Identidades nas Redes Sociais e em Novos Espaços de Sociabilidade”, registrado no Departamento de Pesquisa da Universidade Federal do Amapá (DPQ/UNIFAP). O desenvolvimento desses dois planos de trabalhos de IC resultaram nesta monografia de conclusão de curso.

Assim, o objetivo geral do trabalho foi analisar, a luz da Análise de Discurso Crítica, os discursos apresentados pela página **Feminismo Marxista** a partir na rede social Facebook. Como objetivos específicos, busquei: i) discutir, a configuração do ativismo feminista presente nos discursos propagados na página e ii) destacar as possíveis contribuições dos discursos analisados página **Feminismo Marxista** em lutas pelas mulheres no que diz respeito ao conhecimento que estas devem ter acerca de sua liberdade de expressão, e ao pleno exercício da sua vida social e profissional.

Para alcançar os objetivos referidos acima, as seguintes questões de pesquisa foram propostas: a) Como ocorre o ativismo feminista marxista na página **Feminismo Marxista**? e b) Quais as contribuições das postagens das feministas marxistas em prol da luta pelo respeito a vida – social e profissional – das mulheres em nossa sociedade?

Os interesses em tais objetivos de pesquisa se justificam em virtude de que as redes sociais já não são limitadas a um simples local no qual as pessoas trocam informações de beleza, educação ou entretenimento. Desse modo, para além disso, esses ambientes virtuais se tornaram suscetíveis palcos de lutas políticas, de novas construções sociais e de constantes questionamentos, ou seja, “a tela do computador deixa de ser somente um local onde se busca informação e passa a ser principalmente um lugar de construção, de disputa, de contestação de significados” (MOITA LOPES, 2010, p. 398).

Dito isso, ressalto a existência de importantes contribuições científicas de trabalhos de conclusão de curso de graduação (LEMOS, 2009) e de mestrado, como de Souza (2015) e Coelho (2018) a respeito da relevância social do feminismo no âmbito virtual. No entanto, é uma discussão que ainda está na luta por espaço não apenas no meio acadêmico, mas também no político e social.

Por essa razão, busco levantar questões tão transgressoras, do ponto de vista emancipatório, principalmente no Curso de Letras de uma universidade federal da região Norte do Brasil (UNIFAP), ao tratar do tema em questão, por considerar que discutir complexas relações entre linguagem e sociedade se faz necessário na formação de profissionais dessa área. Além disso, este estudo justifica-se como relevante por abordar um tema importante devido sua inserção no campo da Linguística Aplicada Indisciplinar

(MOITA LOPES, 2006) e por contribuir com os estudos feitos no grupo de pesquisa Nepla/Unifap sobre práticas discursivas, especialmente em redes sociais.

Para fundamentação teórica eu me embasei nos estudos citados nas pesquisas de ic sobre Análise de Discurso Crítica (VIERA; MACEDO, 2018; MELO, 2018; FAIRCLOUGH, 2019). No tocante à metodologia, o trabalho configurou-se como uma pesquisa qualitativa-interpretativista (CHIZZOTI, 1991; MOITA LOPES, 1994), situada no campo da Linguística Aplicada, sendo uma pesquisa do tipo netnográfica (KOZINETS, 2014; HINE, 2004).

O trabalho está organizado em quatro capítulos, além desta introdução e das considerações finais. Assim, no primeiro capítulo “Ondas Feministas, Feminismos nas Redes e Feminismo Marxista” trato sobre os movimentos feministas a partir de marcos históricos, a utilização das redes sociais como locais de ativismo feminista e finalizo na vertente feminista marxista, da qual se trata a página estudada nesse trabalho; no segundo capítulo “Percurso metodológico da pesquisa” discuto acerca das etapas metodológicas que possibilitaram a organização e execução da pesquisa; no terceiro “Análise de Discurso Crítica”, apresento as categorias de análises que como o próprio nome sugere, me ajudou a analisar e compreender as informações que os dados mostraram, que por sua vez, culminou no quarto e último capítulo “Análise dos discursos da página Feminismo Marxista”.

## **CAPÍTULO 1: ONDAS FEMINISTAS, FEMINISMOS NAS REDES E FEMINISMO MARXISTA**

O objetivo deste capítulo é apresentar os contextos sociais nos quais as chamadas Ondas Feministas ocorreram e continuam até os dias atuais, e algumas de suas principais reivindicações, assim como, destacar a efervescência dos movimentos feministas nas redes sociais, e por fim, abordo o Feminismo Marxista, a partir de suas especificidades, como uma das vertentes que têm se apresentado nas redes sociais com o ativismo digital.

### **1.1 Contexto das ondas**

As lutas por direitos iguais, contra todos os tipos de inferioridades, pela ocupação de espaços sociais e políticos, até então permitidos apenas aos homens, não é uma novidade que surgiu em nossos dias atuais. Ao contrário disso, a literatura dá conta de inúmeras mulheres que se empenharam na busca por direitos básicos desde os primórdios da humanidade. Em diferentes épocas e lugares, existiram diversas mulheres que lutaram por determinadas causas, e exprimiram a sua força, seja ocupando uma posição dita masculina, ou mesmo ao erguerem as suas vozes. De Safo, de origem grega, considerada uma das primeiras poetisas, que viveu na Ilha de Lesbos, no século 7 a. C. à Hipátia, nome importante nas ciências exatas e na filosofia no século 4 e tantas outras personagens femininas são célebres exemplos.

É válido destacar o fato de os movimentos feministas sempre terem existido, mesmo que ainda não fizessem uso desse termo, todavia passaram a ser articulados e ganharam mais destaque enquanto movimento social e político organizado de cunho reivindicatório em meados do século XIX, como explicarei mais adiante. Fato é que existem diversas definições de feminismo, porém, neste primeiro momento, utilizarei o conceito formulado por Alves e Pitanguy (1985, p. 7) ao afirmarem que “é difícil estabelecer uma definição precisa do que seja o feminismo, pois este termo traduz todo um processo que tem raízes no passado, que se constrói no cotidiano e que não tem um ponto predeterminado de chegada.” Esses movimentos, conforme as autoras, possuem contradições e avanços como todo e qualquer processo de transformação e como campo teórico.

Nesse sentido os feminismos, no plural porque “não existe um movimento feminista, mas sim os movimentos feministas, pois cada um deles tem suas reivindicações e ideais, resumi-los ao singular seria resumir as especificidades, a vivência, experiência

de cada mulher” (PEREIRA; COURA; ARAÚJO, 2018, p. 4), podem ser compreendidos como movimentos históricos, com conotações políticas e sociais, organizados em torno de agendas gerais e específicas, pautados em debates e na luta contra todas as formas de opressões contra as mulheres, promovidas por meio de normas e padrões baseados em gênero, raça, classe, sexualidade e outros aspectos. Em sua essência, os movimentos feministas buscam romper as relações assimétricas de poder entre homens e mulheres, a fim de buscar a igualdade e equidade entre ambos, assim como a libertação das mulheres de tais padrões sociais de submissão.

Conforme Alves e Pitanguy (1985, p. 8) “o feminismo procurou, em sua prática enquanto movimento, superar as formas de organização tradicionais, permeadas pela assimetria e autoritarismo.” Contudo, para entender os movimentos feministas e as suas respectivas demandas é importante conhecer as ondas<sup>2</sup> feministas, isto é, períodos históricos marcados por fortes reivindicações e contestações em torno de determinadas demandas políticas e sociais, momentos de efervescência política, acadêmica e social de mulheres das mais diversas culturas e sociedades. Em suma, Caetano (2017, p. 4) explica que

[...] em um esforço analítico os movimentos feministas são apresentados por meio de “ondas”, que são períodos cronológicos que auxiliam na compreensão e diferenciação as suas demandas. Essa distinção cronológica está associada a compreensão de que tais movimentos apresentavam demandas específicas, evoluindo em direção a outras matérias conforme a passagem do tempo e as mudanças na sociedade, que traziam questões novas e o amadurecimento do próprio movimento feminista.

Como dito no início desta seção, existiram mulheres anteriores ao período concebido como o princípio da primeira onda feminista, como Mary Wollstonecraft, escritora inglesa, que no século XVIII, através da literatura, “abraçou as causas de pessoas oprimidas de seu tempo, sendo hoje reconhecida como uma importante abolicionista inglesa e uma das precursoras do feminismo.” (ESTACHESKI; MEDEIROS, 2016, p. 1). Brasileiras como Amélia de Souza Dantas, presente na luta pelo fim da escravidão e falecida em 1890, Ana Floriano, Maria Emília de Souza e Joaquina Maria Góes, líderes em 1875, de um movimento contrário às listas de convocação militar. Essas são apenas

---

<sup>2</sup> Segundo Silva (2019, p. 6) a respeito do uso do termo “Ondas”, “é importante ressaltar que esta categorização em ondas é feita para fins meramente didáticos, pois o mesmo quando se verifica concordância em relação a uma ou outra pauta é fato que há teorias e movimentos paralelos diferentes dentro do movimento feminista desde que ele surgiu, e reconhece-se que cada um possui as suas particularidades.”

algumas, das inúmeras histórias de mulheres envolvidas em movimentos populares no Brasil, apresentado no livro de Ana Montenegro, *Mulheres – participação nas lutas populares*, de 1985.

Dado esse reconhecimento das lutas antecedentes, as ondas foram épocas relevantes para os movimentos feministas e passaram a ocorrer em contextos cada vez mais globalizados, cada qual com as suas particularidades, tendo em vista que novas reivindicações passaram a surgir com o desenvolvimento e o avanço das sociedades. Com base em Bittencourt (2015, p. 2), destaca-se a existência, até então, de três ondas feministas – mas já se fala em uma quarta onda, a qual abordarei mais adiante. Assim, é pertinente dissertar acerca delas e dar notoriedade a determinados momentos específicos com fins meramente históricos, mas sem esquecer que existiram outras lutas e movimentos paralelos, não menos importante na história dos movimentos feministas.

A primeira onda feminista se manifestou de forma organizada na metade do século XIX, e teve início nos Estados Unidos e na Inglaterra, sendo que uma de suas principais marcas ou reivindicação foi por direitos civis, uma vez que os homens já usufruíam de tais privilégios. As pautas, nesse primeiro momento, “apresentavam reivindicações por melhores condições de trabalho, como salário, redução da jornada e salubridade, e pela conquista de direitos políticos – de votar e representar interesses nos parlamentos.” (MARTINS, 2015, p. 2).

No Brasil, essa luta em prol do direito ao voto esteve relacionada às “mulheres operárias anarquistas, associadas a ‘União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas’ e ao movimento reivindicatório pelo direito ao voto das mulheres” e foi liderada pela bióloga Berta Lutz, acompanhada por mulheres das camadas mais abastadas, assim como no contexto inglês e americano, também conhecidas como sufragistas.

Enquanto Silva (2019, p. 8), ao levar em consideração o contexto de luta inglês e americano, ressalta o fato de as mulheres terem criticado seus papéis sociais como o da “boa mulher”, submissa e restrita ao lar, em contrapartida, Caetano (2017, p. 5), por sua vez, aponta que no Brasil “esse primeiro momento do movimento feminista, é associado a um ‘feminismo bem-comportado’, que pode ser caracterizado como de cunho conservador no que se refere ao questionamento da divisão sexual dos papéis de gênero [...]”, e destaca que as feministas brasileiras “reforçavam esses papéis, estereótipos e tradições.” (CAETANO, 2017, p. 5).

No entanto, essa primeira onda foi ganhando novos arranjos e reapareceu como segunda onda a partir da década de 1960, tendo como marco a primeira publicação do livro *O segundo sexo*, de Simone de Beauvoir<sup>3</sup>, em 1949. No Brasil, segundo Caetano (2017, p. 5), o movimento ganhou corpo em 1964, em um cenário não propício, visto que foi no período da ditadura militar. Ainda conforme a autora “o feminismo de segunda onda se ocupou da proteção da mulher com as suas especificidades, partindo-se de uma perspectiva de isonomia formal, característica da primeira onda, para de isonomia material.” (CAETANO, 2017, p. 5).

Nesse momento, o sexo passa a ser considerado como uma característica biológica e o gênero como uma construção social. Sem dúvida, a emblemática frase de Beauvoir, a seguir, revolucionou a ideia que as pessoas tinham, precipuamente as mulheres, padrões sociais impostos com base em seu sexo

ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino (BEAUVOIR, 1967, p. 9).

Nesse momento, as mulheres passam a questionar as relações assimétricas de poder entre os homens e elas e de forma mais contundente os seus papéis de gênero. Sobre isso, Pinto (2010, p. 16) destaca que

o feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo. Aponta, e isto é o que há de mais original no movimento, que existe uma outra forma de dominação – além da clássica dominação de classe –, a dominação do homem sobre a mulher – e que uma não pode ser representada pela outra, já que cada uma tem suas características próprias.

Ficou muito evidente, naquele momento, a importância do corpo da mulher como uma das principais formas de conquistar a sua emancipação. Muitas pautas eram direcionadas a esse assunto. Logo, outras formas de dominação, como a violência e exploração sexual, o controle da mulher sobre o seu próprio corpo, a sua função reprodutiva, ocasionaram debates a respeito do corpo feminino enquanto instrumento de

---

<sup>3</sup> Formada em letras, matemática e filosofia, Simone de Beauvoir foi feminista, ativista, e apesar de ser conhecida pelo livro citado, a filósofa é autora de uma vasta obra literária.

exploração pelo sistema patriarcal. Silva (2019, p. 14) assevera que “em razão dessa ótica, as feministas da segunda onda são as pioneiras quanto à crítica à pornografia, além de aprofundarem a crítica à prostituição – esta sendo iniciada por feministas marxistas.”

Já entre “a época dos anos 80 para os anos 90 do século XX” (SILVA, 2019, p. 16), começou a existir uma forte discussão no que tange a universalização da mulher, no sentido de tratá-las como se todas fossem vítimas das mesmas mazelas sociais baseado no sexo, o que não era verdade. Tal fato deu início a terceira onda feminista, sendo que a categoria gênero, até então, instrumento de reflexão, luta e alicerce da onda anterior, passou a ser observada em seu caráter unificado e excludente, visto que todas as mulheres possuem, em dados recortes, lutas específicas, que perpassam por outras categorias, como raça e classe. Enfatizo que, de maneira alguma, o gênero deixou de ser crucial dentro das lutas feministas posteriores, apesar dos questionamentos levantados em torno da unificação feminina.

Sobre isso, Martins (2015, p. 8) declara

[...] feministas da terceira onda foram capazes de afirmar a necessidade da articulação das diversificadas posições de sujeito e, a um só tempo, reconhecer tanto o caráter histórico-discursivo da categoria “mulheres”, quanto o potencial positivo das heterogeneidades e pluralidades. Dessa forma, as feministas da última década do século XX admitiram a instabilidade semântica do conceito, mas mantiveram a convicção nas reivindicações identitárias e na ação política.

Assim, as feministas passaram a criticar a onda anterior devido a uma hegemonia do discurso feminista – branco, classe média, heterossexual – que não considerava as especificidades – classe, raça, orientação sexual, etnia e afins - de outras mulheres. Com isso, a hegemonia de um tipo único de feminismo passou a ser questionado. Nomes como Judith Butler, Angela Davis, bell hooks, são alguns exemplos de mulheres que contribuíram significativamente através de produções acadêmicas e reorganização dos movimentos reivindicatórios, essenciais nesse período específico, e continuam até hoje, ao hastear a bandeira para debates sobre as violências, assimetrias, desigualdades, opressões oriundas de gênero, classe e raça. Então

foi a partir daí que a ideia de interseccionalidade ganhou força dentro do feminismo. A obra *Mulheres, Raça e Classe* (2016), de Angela Davis, que teve sua primeira publicação em 1981, é tido como uma célebre referência desse movimento, porque levou para o centro do debate a associação do gênero às categorias de raça e classe, de maneira a fragmentar o discurso da universalidade do conceito mulher. É sob esse cenário que o feminismo negro

se fortalece e cresce enquanto vertente feminista independente (SILVA, 2019, p. 18).

Há de se destacar que no cenário brasileiro também tivemos tais inquiuições que principiaram da terceira onda. Com o histórico de escravidão, exploração, hipersexualização dos corpos negros e violência diária, debates sobre as opressões oriundas de raça e, por conseguinte, de classe, se mostraram extremamente necessárias. Para Siqueira (2015, p. 17),

um bom exemplo de uma coletividade nascida sob essas condições é o Geledés – Instituto da Mulher Negra. Criada em 1998, essa instituição tem o objetivo de reunir mulheres negras contra as práticas do racismo e do sexismo, denunciando assim os males encarados todos os dias por mulheres negras. Reivindicando a especificidade de suas próprias lutas, essas mulheres falam: as feministas sempre apregoaram que as mulheres precisavam se unir para derrubar o mito da fragilidade e ter direitos à política e ao trabalho; ora, nós nunca fomos consideradas frágeis: nossos corpos sempre foram explorados como força de trabalho escrava e açotados pelo chicote dos feitores. As mulheres negras estão a afirmar que suas lutas não são iguais, e elas não mais serão invisibilizadas.

Outros nomes que também contribuíram na associação de gênero com outras categorias, segundo Bittencourt (2015, p. 6-7) foram Susan Bordo, Elizabeth Grosz e Donna Haraway, que segundo a autora “[...] destacam-se na produção intelectual, formulando novas categorias de análise à dominação masculina na atualidade e propõem a resignificação dos gêneros numa perspectiva pós-identitária, como a Teoria Queer”.

Assim, sustentada em tantas outras demandas e temáticas como orientação sexual, raça e classe, as mulheres passaram a perceber que existiam especificidades entre elas, ou seja, as identidades eram distintas e múltiplas, o que demandava lutas específicas. Foi em virtude de tal fator que surgiram os recortes de classe, raça, quando o feminismo passou a observar e a considerar as especificidades das distintas mulheres, como bem analisa Bittencourt (2015, p. 6), ao afirmar que

neste panorama, alguns avanços fundamentais da segunda parecem olvidados, como a percepção dos recortes de classe e raça e o avanço do feminismo para além das mulheres brancas e de classe média, abandonando as relações estruturais imbricadas que o patriarcado e o machismo assumem com o racismo e com a exploração capitalista. Esquece-se que a libertação jamais ocorre de maneira individual e fechada, mas prescinde da organização e da superação de qualquer forma de violência e inferiorização de todas as mulheres e não apenas àquelas que ‘decidem’ ou ‘querem’ ser livres no plano estritamente pessoal.

A terceira onda, em suma, passou a observar a mulher assente no conceito de categoria, mas agora analisando-a a partir de suas diferenças e semelhanças. Foi percebido que mesmo sendo pertencentes ao mesmo gênero, elas eram diferentes entre si, tendo em vista as suas especificidades enquanto instrumentos diferenciadores e que determinavam relações de subordinação e opressão. Desse modo, na terceira onda passou-se a compreender que as mulheres não poderiam ser analisadas isoladamente, sem se levar em consideração as suas respectivas identidades, os contextos sociais, as classes, a sexualidade e a raça, como recortes necessários na análise das violências e subalternidade ou por elas sofridas na sociedade.

Não muito distante das agendas presentes na terceira onda, ao contrário, com demandas ainda presentes nas reivindicações e protestos atuais, mas agora com o acréscimo de uma eficiente ferramenta de divulgação e compartilhamento de discursos, isto é, as redes sociais, surge uma nova onda feminista, ou melhor, a quarta. Ela, assim como a anterior, aponta não mais para um movimento homogêneo e isolado, que universaliza as mulheres, mas movimentos em constantes transformações que em certa medida, procuram se adequar às diversas pautas e demandas que surgem a todo momento de diversas mulheres, como irei abordar na próxima seção.

## **1.2 Feminismos nas redes sociais e a quarta onda feminista**

As redes sociais, através da internet, têm posto em evidência o poder discursivo, a militância, o ativismo digital e os debates em torno de pautas feministas, que nos colocam na quarta onda feminista. Essa reconfiguração<sup>4</sup> das pautas feministas para as redes sociais tem contribuído para a constituição da quarta onda.

Nesse sentido, a quarta onda tem como uma de suas principais marcas a utilização das redes sociais na internet, dado o alcance de postagens, o acesso por parte da população, a facilidade de comunicação entre indivíduos em diferentes pontos do globo terrestre, mesmo estando no sofá de sua casa, e, principalmente a força de mobilização de massas populacionais. No entanto, antes de adentrar nas especificidades dessa nova onda feminista é preciso entender, de maneira geral, as especificidades das redes sociais.

---

<sup>4</sup> Não se trata apenas de uma transposição de pautas, mas também de vivências do mundo off-line para o online.

Vivemos na era da informação instantânea e contínua, do compartilhamento de conhecimento, ou na era da “comunicação ubíqua”, conforme Santaella (2013), propiciada pelo uso da internet – seja por cabos ou wi fi - das tecnologias da informação e comunicação, e as redes sociais. Sejam informações políticas, culturais, de beleza, educação, ou mais, algum flagrante do dia a dia, essas informações são amplamente divulgadas e compartilhadas nesses espaços de sociabilidades. Para Mattar (2013, p. 27) “num sentido amplo, redes sociais são associações entre pessoas conectadas por diversos motivos, em que pessoas são afetadas pelas próprias conexões com outras pessoas.” O autor sublinha um ponto muito relevante “que as redes sociais são dinâmicas, ou seja, modificam-se com o tempo.” (MATTAR, 2013, p. 27).

Em consonância com essa ideia, a todo momento surgem novas redes sociais, que ocupam o lugar de outras ou tem pouca duração porque perdem o interesse popular. Porém, é preciso dizer que as redes sociais não são novidades. Elas não foram originadas no século XXI, ao contrário, elas sempre existiram. Não da maneira como conhecemos hoje, com o suporte das tecnologias e da internet. Mas a internet foi um fator imprescindível para conectar os sujeitos nas mais variadas formas. O que as diferenciam de outras redes sociais, considerando que existem as redes sociais que formamos fora da Web, no convívio pessoal e cara a cara com outros sujeitos, conforme Mattar (2013, p. 28), é o caso delas serem “caracterizadas, portanto, pelas conexões entre pessoas em ambientes virtuais.” Mattar apresenta as redes sociais

como o Orkut, MySpace, LinkedIn e Facebook, projetadas especificamente para conectar pessoas (representadas pelos seus perfis), com recursos como a publicação de textos, fotos e vídeos, adição de amigos, criação de grupos fóruns e diversas formas de avaliação, dentre outros. (MATTAR, 2013, p. 28).

Existem, nos dias atuais, outros aplicativos de redes, por exemplo, o *Snapchat*, *Instagram*, *Telegram*, *TikTok* – aplicativo de rede social viral em meio a pandemia – *Twitter* e afins. Mattar (2013, p. 28) qualifica como software de redes sociais “qualquer ambiente online que possibilite a conexão entre pessoas.” Recuero, por sua vez, traz uma diferenciação que ajuda a entender o que é uma rede social e um site de rede social, no contexto tecnológico virtual atual.

Segundo a autora os “sites de redes sociais são os espaços utilizados para a expressão das redes sociais na internet.” (RECUERO, 2009, p. 102), isto é, as redes sociais, propriamente ditas, são consideradas como tal em razão das pessoas que as

utilizam para determinados fins – se comunicar, gerar entretenimento, militância política e afins. Os sites de redes sociais, como apresenta Recuero (2009, p. 102) “[...] foram definidos por Boyd e Ellison (2007) como aqueles sistemas que permitem i) a construção de uma persona através de um perfil ou página pessoal; ii) a interação através de comentários; e iii) a exposição pública da rede social de cada ator.”

Dada a essa explicação, no decorrer desse trabalho, irei adotar o termo “redes sociais” para expressar as ferramentas e plataformas on-line de interação ao considerar as relações e os usos dos indivíduos que formam e dão sentido a essas redes, os quais compartilham interesses e novas formas de interagir com outras pessoas. Portanto, como este trabalho foi articulado dentro da rede social *Facebook*, especificamente em uma página, a seguir, trago algumas particularidades da funcionalidade dessa rede social.

O *Facebook*<sup>5</sup> é uma rede social fundada em 2004 e considerada uma das mais populares no mundo, com cerca de 2,3 bilhões de usuários, contabilizados no ano de 2019, de acordo com o portal de notícias G1<sup>6</sup>. Um dos fatores responsáveis pela influência e sucesso do *Facebook* ocorre em razão de ele ser “[...] bastante utilizado em dispositivos móveis, o que amplia ainda mais o poder de alcance dessas interações.” (MATTAR, 2013, p. 118). Sobre as páginas,

[...] elas permitem também interações entre membros do Facebook. Uma página é pública, ou seja, qualquer um pode curtir-la, passando a receber atualizações de seu conteúdo em seu *feed* de notícias. [...]. Nas páginas no Facebook, é possível também utilizar notas e comentários, além e vários outros aplicativos que podem ser adicionados (MATTAR, 2013, p. 118).

As páginas podem ser facilmente acessadas por qualquer pessoa usuária de uma conta no *Facebook*. Elas são seguidas conforme o interesse particular de cada usuário/seguidor. Além disso, a qualquer momento o sujeito pode deixar de acessá-la, conforme o seu interesse. Por isso, os números de seguidores estão sempre em oscilação para mais ou para menos e em conformidade com seus interesses. Os conteúdos compartilhados nas páginas e a frequência de publicação, às vezes de forma colaborativa, são cruciais para o sucesso e sobrevivência delas.

<sup>5</sup> CORREIA, P. M. A. R.; MOREIRA, F.R. M. Novas formas de comunicação: história do Facebook - Uma história necessariamente breve. Rio de Janeiro: **Revista Alceu**, 2014.

<sup>6</sup> FACEBOOK completa 15 anos com 2,3 bilhões de usuários. **G1**, Brasil, 4 fev. 2019. Economia Tecnologia. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/02/04/facebook-completa-15-anos-com-23-bilhoes-de-usuarios.ghtml>>. Acesso em: 08 ago. 2020.

Assim, são nas redes sociais, a partir dessa nova maneira de se relacionar com o outro, através de smartphones, tablets, computadores ou qualquer outro aparelho com acesso à internet, que a Quarta Onda Feminista tem se manifestado fortemente. A revolução digital de nossos dias, está abrindo novos horizontes de confrontos, possibilitando contestações políticas e ideológicas no interior dessa nova onda. A internet está possibilitando um novo espaço, não apenas de entretenimento ou de propagação de informação, mas um local de militância, ativismo, de organização política e social (MOITA LOPES, 2010).

Para Silva (2019, p. 23) “já é possível afirmar com segurança que estamos vivendo um momento de Quarta Onda do Feminismo, e esta é caracterizada principalmente pelo uso maciço das redes sociais com o fim de organização, articulação [...]”, mas além do uso da internet, Perez e Ricoldi (2018, p. 3) realçam outros dois aspectos, pois para esses autores “a quarta onda no Brasil tem sido caracterizada a partir de três traços principais: a mobilização construída e divulgada na internet, a interseccionalidade e a atuação por meio de coletivos.”

Assim, de acordo essa perspectiva de Perez e Ricoldi (2018) entendo que é necessário considerar as atuações dos mais distintos sujeitos - as feministas de diversas vertentes -, a intersecção das lutas – a luta pelo direito ao aborto seguro e legal, os atos antirracistas, a visibilidade às causas LGBTI, entre outras - e a dimensão do ativismo digital existente hoje na internet.

Silva ressalta que a “[...] quarta onda do feminismo responde ao ressurgimento do interesse no feminismo iniciado por volta de 2012 e associado ao uso das plataformas de redes sociais – tais como do Facebook, Twitter, Instagram, Youtube e Tumblr.” (SILVA, 2019, p. 24-25). Todavia, como dito antes, ressalto o fato de existirem outros destaques, como os coletivos e as interseccionalidades, não menos importantes. E um fator divergente é sobre o ano no qual esta nova onda foi incorporada. Bogado (2018, p. 33) salienta

embora só em 2015 a quarta onda feminista tenha alcançado maior amplitude, capaz de atingir diferentes setores da sociedade, desde o início da década de 2010 ela já vinha mostrando a sua força em manifestações públicas. Um exemplo é a Marcha das Vadias, criada em 2011, em Toronto, no Canadá, que se tornou um marco desse processo.

Bogado (2018, p. 39-40) afirma que em 2017 “outras 261 marchas foram organizadas ao redor do mundo, não só pelos direitos das mulheres, mas também pelas lutas racial, trabalhista, ambiental e dos imigrantes [...]” e a autora assevera ainda que “os protestos demonstraram o desejo e a capacidade de o feminismo se articular com outras lutas e esse tornar o mais inclusivo possível.” (BOGADO, 2018, p. 39-40).

No entanto, desde as *Jornadas de Junho*<sup>7</sup>, ocorridas em 2013 no Brasil, momento no qual as redes sociais, principalmente o Twitter, foram fortes aliadas enquanto instrumento de mobilização de massas, nas manifestações que eclodiram no país naquele ano, os movimentos feministas viram nas redes sociais um mecanismo eficiente e capaz de colaborar com as suas lutas. Tal fato está ocorrendo desde então, contudo, não de forma exclusiva no contexto brasileiro, mas também de maneira globalizada.

Ao pesquisar em diversas redes sociais, pode-se encontrar páginas, contas pessoais e públicas, nas quais o feminismo é a pauta principal e dialoga com outros aspectos políticos-culturais, sem falar no poder de alcance delas. Todavia, não digo que as redes sociais são popularizadas, no sentido de que todos os brasileiros são usuários dessas redes, visto que a internet, assim como smartphones e computadores, ainda não são acessíveis a boa parte da população brasileira, mas somente a determinadas camadas sociais.

No entanto, é imprescindível notar a força mobilizadora das redes sociais nas mãos dessas camadas, inclusive o impacto delas na vida daqueles que não estão conectados a ambientes virtuais/digitais. Mesmo com uma parcela da sociedade sem acesso as tecnologias digitais de informação e comunicação, as pautas dos grupos minorizados<sup>8</sup> são recorrentes nas redes sociais, principalmente por aqueles que dispõem dos recursos tecnológicos.

É considerável a reflexão de Costa (2018, p. 43) ao afirmar que “ainda que a força das ruas não possa ser atribuída integralmente às redes sociais, a web sem dúvida foi um fator estratégico e central das marchas feministas.” A autora enfatiza ainda a pertinência

---

<sup>7</sup> SINGER, A. Brasil, Junho de 2013. São Paulo: **Novos Estudos CEBRAP**, 2013. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002013000300003](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002013000300003)>. Acesso em: 22 set. 2020.

<sup>8</sup> A escolha do termo “minorizados” ocorreu dada a costumeira confusão de entendimento do conceito e utilização de “minorias”, uma vez que muitas pessoas, erroneamente e dotadas de preconceitos, acreditam que minorias dizem respeito a quantidade de pessoas – mulheres, pessoas negras, pobres, periféricas, LBGTI -, e por vezes, em seus entendimentos, são grupos composto de poucos sujeitos. Ao contrário desse pensamento raso, minorias ou minorizados, a grosso modo, são grupos sociais oprimidos que tem seus direitos pouco respeitados, desde o acesso básico a saúde e educação, até mesmo a individualidade de sua sexualidade. Minorizados também tira a falsa sensação e ideia de passividade que remete a esses indivíduos a remota ideia de aceitação das desigualdades.

do uso das redes sociais pelas feministas porque “nunca as táticas e a militância foram tão potencializadas e produziram reações e alianças na escala que se vê hoje.” Perez e Ricoldi (2018, p. 8) também segue essa perspectiva e destacam que

[...] os blogs, redes sociais, sites, vídeos, enfim, todos os meios de comunicação via internet são um espaço de criação e divulgação de causas feministas com um alcance jamais pensado antes da ampliação do uso da internet. A internet permite a multiplicação de posições não hegemônicas, como a defesa de que mulheres devem ter direitos iguais aos dos homens.

Dessa maneira, a internet, a partir das redes sociais, tem possibilitado às feministas o compartilhamento em grande escala de seus discursos para diversos públicos e regiões. Isso permite a maior participação de pessoas até então invisibilizadas, silenciadas e oprimidas por discursos hegemônicos, responsáveis por inúmeras assimetrias sociais. As redes sociais, nesse sentido, têm suscitado nos grupos minorizados – mulheres, negros, pobres, LGBTI etc. – o desejo e a oportunidade de reivindicar seus direitos como nunca antes.

Além disso, facilitam as denúncias e exposições de diversas formas de violências sofridas, inclusive aquelas sofridas pelas mulheres. Para enfatizar o caráter contestatório dessa onda, como as anteriores e a mobilização contra a violência, através da utilização das redes sociais, ressalto a grande influência da Quarta Onda no contexto do sul global. Para isso, Silva (2019, p. 24) lembra que

[...] a quarta onda do feminismo, que vivemos atualmente, é intrinsecamente ligada às demandas das pessoas das regiões periféricas do ocidente, aquelas que nunca antes – ou muitíssimo mal – tiveram espaço para se manifestarem e serem ouvidas, e com a internet encontraram esse espaço, como é o caso dos países da América Latina.

Com o auxílio da internet, as mulheres puderam ter acesso aos conteúdos feministas – livros, artigos, sites, vídeos, músicas, podcasts – formar coletivos, ou apenas conhecer os feminismos para manter um relacionamento pessoal para si e seu contexto privado. Elas encontraram um espaço para denunciar violências de gênero, os abusos, assédios, desigualdades.

Assim, por meio das redes sociais as mulheres escancaram as dificuldades em ser mulher em sociedades machistas e sexistas, nas quais ainda são objetificadas, desrespeitadas e têm suas capacidades intelectuais menosprezadas em razão de seu

gênero. Exemplos de grandes repercussões não apenas na América Latina, mas em outras partes do mundo foram e continuam sendo marcantes na nova onda feminista e mostram a potencialização de sua força.

Dois casos emblemáticos de violência de gênero, brutais, responsáveis por discussões acirradas, debates, dentro e fora das redes sociais dizem respeito ao assassinato, em 2015, da adolescente argentina Chiara Páez, na época, com apenas 14 anos e de Lucía Perez, de 16 anos, também uma adolescente argentina. Chiara estava grávida quando foi assassinada e enterrada no quintal da casa dos avós de seu namorado, de 16 anos, autor do crime. Lucía Perez foi ainda mais chocante, porque após dopada e estuprada, a jovem foi empalada por três homens.

A morte de Chiara gerou uma onda de manifestações contra a violência de gênero, o machismo e o sexismo. O mesmo ocorreu com Lucía Perez. Milhares de mulheres argentinas se mobilizaram e foram às ruas de várias cidades do país vizinho. Isso se deu em decorrência – em grande parte – de uma das particularidades dessa nova onda feminista, o uso de *hashtag* nas redes sociais.

Nos casos de Chiara e Lucía as redes sociais, como o Twitter, foram tomadas pela frase e *hashtag*, *#NiUnaMenos*, que extrapolou as fronteiras argentinas, se expandindo para o Brasil, Chile, México entre outros países. As mulheres, unidas em torno desses crimes terríveis, cansadas das inseguranças motivadas pelos constantes assassinatos, estupro, sexismo, machismo, desigualdades sociais, opressões, ecoaram suas vozes e marcharam unidas contra o violento e desigual sistema patriarcal.

Não muito distante daquele país, situação semelhante ocorreu em 2016, no Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, quando uma adolescente de 16 anos foi estuprada por 33 homens, teve o crime filmado e publicado nas redes sociais. O crime bárbaro gerou indignação e comoção nacional e internacional. Em pouco tempo as redes sociais ficaram repletas de mensagens contra o que chamaram de “cultura do estupro”.

Na mesma linha, as ruas das capitais brasileiras, a partir das campanhas nas redes sociais, forma inundadas de manifestantes, em sua maioria mulheres, contra a cultura do estupro, em apoio a vítima em questão e a tantas outras mulheres que passam pela mesma situação. Desde esse episódio e tantos outros ocorridos depois, as redes sociais encontraram uma nova função nas mãos das mulheres e movimentos feministas.

Costa (2018, p. 47-48) explica as *hashtags* como “nascidas por geração espontânea e amplamente disseminadas, as manifestações organizadas a partir das *hashtags* muitas vezes acontecem sem formar coletivos, criar blogs, ou sites, nem mesmo

montar um perfil próprio nas redes sociais.” Dessa forma, sem necessariamente criar um vínculo social duradouro, outras mobilizações surgiram, como: #PrimeiroAssédio, #MeuAmigoSecreto, por exemplo.

A #PrimeiroAssédio, promovida em 2015, pelo Think Olga “[...] surgiu como resposta ao assédio sofrido por Valentina Schulz, na época com doze anos, que participou do programa MasterChef Júnior e foi alvo de comentários de teor pedófilo e machista nas redes sociais.” (COSTA, 2018, p. 48). Tal acontecimento público causou uma campanha nas redes sociais, na qual, mulheres expuseram experiências pessoais de seus primeiros assédios sofridos, a maioria ocorrida no período entre a infância e a adolescência.

A campanha foi tão importante que em seguida outras *hashtags*, impulsionadas por essa, tomaram corpo nas redes sociais. A *hashtag* #MeuAmigoSecreto, no mesmo ano, teve como objetivo “[...] tornar públicos os relatos de assédios de homens próximos, sem identifica-los. Ficou claro que a necessidade de falar não vinha de um desejo de constranger determinada pessoa, e sim divulgar comportamentos abusivos.” (COSTA, 2018, p. 49). Outras campanhas como #MulheresContraCunha, #AgoraÉQueSãoElas<sup>9</sup> também ecoaram nas redes.

Nas campanhas eleitorais para presidente em 2018, os coletivos e as redes sociais de movimentos feministas fizeram surgir o #EleNão, movimento contrário ao então candidato à presidência da república, Jair Bolsonaro. A repercussão da *hashtag* foi tão grande que um grupo no *Facebook*, intitulado “Mulheres contra Bolsonaro”, reuniu 2 milhões de mulheres com críticas do agora presidente eleito, em vista de suas atitudes misóginas, machistas, homofóbicas e racistas.

O #EleNão se tornou um movimento encabeçado por mulheres que levou às ruas das cidades brasileiras milhares delas, com faixas, pinturas corporais, cartazes, contendo frases em protesto a Bolsonaro. Pessoas públicas e famosas<sup>10</sup> do Brasil e exterior aderiram à mobilização, e em pleno 2020, a *hashtag* continua sendo utilizada, por pessoas não apoiadoras do presidente, como uma forma de protesto e oposição.

Hodiernamente, as *hashtags* prevalecem com seus papéis sociais e políticos relevantes, assim como as páginas, perfis, grupos públicos e privados em distintas redes sociais. A partir desse ativismo digital, as intersecções de vertentes feministas e lutas se

---

<sup>9</sup> Costa (2018, p. 49).

<sup>10</sup> FAMOSOS internacionais também aderem a movimento #EleNão contra Bolsonaro. Universa, São Paulo, 21 set. 2018. Uol. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/09/21/famosos-internacionais-tambem-aderem-a-movimento-elenao-contra-bolsonaro.htm>>. Acesso em: 08 ago. 2020.

multiplicaram nas redes sociais, mas pautas de ondas anteriores ainda são erguidas. Vertentes feministas como Transfeminismo<sup>11</sup>, Feminismo Lésbico<sup>12</sup>, Feminismo Negro<sup>13</sup>, Feminismo Radical, tem projetado suas lutas dentro também das redes sociais, sendo esses apenas alguns exemplos de vertentes. Dentre tantas vertentes presentes nas redes sociais, praticando o ativismo digital, aqui irei me ocupar exclusivamente do Feminismo Marxista, apresentado na próxima seção.

### 1.3 1.3 Feminismo Marxista

A origem dos textos que auxiliaram no desenvolvimento do Feminismo Marxista sofreu grande influência das obras de Marx e Engels, desde *Ideologia Alemã* (1846), e também de *A Origem da família, da propriedade e do Estado* (1884). Um exemplo da pertinência e influência de seus estudos, segundo Alambert (1985.p. 17) “para a teoria socialista da emancipação feminina, os *Manuscritos* constituíram um documento essencial, sobretudo através da ideia de que a emancipação da mulher é parte da emancipação humana universal.” Um outro aspecto crucial dentro do Feminismo Marxista, oriundo das análises de Marx e Engels, é o materialismo histórico.

A teoria materialista – centro da análise feminista marxista – estuda a origem da história da sociedade de classes, pressupõe que a divisão do trabalho entre homens e mulheres, a propriedade privada, o acúmulo de riqueza, são os responsáveis pela opressão que recaí sobre o homem e a mulher. Essa teoria para

os dois filósofos revelam a natureza do seu materialismo, que remete para a produção e a reprodução das condições de existência dos homens. Dela decorrem as relações dos homens com a natureza e com suas formas de organização social”, e é “[...] uma forma específica de apropriação da natureza determina as formas de organização social e a consciência. (MARX; ENGELS, 2007, p. 14).

Ao utilizar a teoria materialista com o intuito de refletir sobre a divisão do trabalho e a situação da mulher na sociedade, visto que “a cada estado de desenvolvimento das formas de produção material da sua existência correspondem formas específicas de

---

<sup>11</sup> COACCI, T. Encontrando o transfeminismo brasileiro: um mapeamento preliminar de uma corrente. Minas Gerais: **História Agora – Revista de História do Tempo Presente**, 2014

<sup>12</sup> SOARES, S. F. Procura-se sapatão: Histórias invisibilizadas do movimento lesbofeminista brasileiro. **18 REDOR**, Pernambuco, 2014.

<sup>13</sup> RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

estruturação social, além de valores e formas de apreensão da realidade.” (MARX; ENGELS, 2007, p. 14), Engels (1984, p. 70) afirma que “a primeira divisão do trabalho é a que se fez entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos.” Ao tecer críticas a monogamia, como um fator que principiou o primeiro antagonismo de classe, ele diz que

hoje posso acrescentar: o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher, na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino. A monogamia foi um grande progresso histórico, mas, ao mesmo tempo, iniciou, juntamente com a escravidão e as riquezas privadas, aquele período, que dura até nossos dias, no qual cada progresso é simultaneamente um retrocesso relativo, e o bem-estar e o desenvolvimento de uns se verificam às custas da dor e da repressão de outros (ENGELS, 1984, p. 70).

Nesse sentido, tanto a mulher, em sua relação monogâmica, quanto os filhos frutos dessa relação, são no seio familiar, para os pensadores clássicos, compreendidos como escravos do homem, assim, estão à disposição do marido e pai quando necessário e pertinente ao “chefe da família”. Desse modo, com a ideia de que os pares familiares têm a sua força de trabalho submetidas aos interesses do homem, baseadas na dominação, para Marx e Engels, essa relação é observada como uma das primeiras formas de propriedade privada: “portanto, está dada a propriedade, que já tem seu embrião, sua primeira forma, na família, onde a mulher e os filhos são escravos do homem. A escravidão na família, ainda latente e rústica, é a primeira propriedade [...]” (MARX; ENGELS, 2007, p. 36).

Acerca da mulher pobre e trabalhadora no contexto familiar, e sobre a diferença do trabalho produtivo e reprodutivo, a mulher fadada ao trabalho doméstico, aos cuidados dos filhos e explorada no ambiente privado do lar, tinha seus esforços e mão de obra considerados como não produtivos. Com isso, qualquer trabalho por ela desempenhado era tido como reprodução, como uma função natural, uma característica própria da mulher, mesmo quando a reprodução de trabalhos era desempenhada em outra casa, que não a sua. Por outro lado, “Como produtivo vale – enquanto durarem a dominação do capital e o sistema salarial – apenas aquele trabalho que cria mais-valia, que dá origem ao lucro capitalista.” (LUXEMBURGO, 2018, p. 110).

Sem dúvidas, o trabalho fora do âmbito familiar possibilitou avanços para a mulher proletária, contudo, com ele veio as numerosas jornadas de trabalhos. Quando não era oprimida e explorada pela burguesia em seu trabalho produtivo, era oprimida pelo

companheiro, no trabalho reprodutivo, por sua vez, também oprimido pela mesma burguesia. Em *O Manifesto Comunista* (1998), os teóricos são enfáticos em outros aspectos, agora, no que tange a inserção da mulher no mercado de trabalho produtivo e a opressão que dele surge.

Marx e Engels afirmam (1998, p. 46) que “as diferenças de sexo e de idade já não tem qualquer validade social para a classe operária. Há apenas instrumentos de trabalho que, segundo a idade e o sexo, têm custos diversos.” Nesse momento, o fator crucial na escolha e preferência na mão de obra da mulher, diz respeito ao seu baixo valor no mercado, isto é, a mão de obra feminina é a mais barata e rentável aos burgueses donos de indústrias. Ao observar as relações entre os burgueses e a mulher, os autores veem a relação de empregado e empregador como uma forma de opressão que precisa ser superada a partir da extinção do capitalismo.

Dessa maneira e considerando essas problemáticas, o feminismo atrelado ao marxismo, em suma, busca superar tais opressões. Os estudos de Marx e Engels, foram cruciais para a discussão da situação da mulher nas sociedades de classe. No entanto, mesmo diante de suas contribuições para o entendimento das raízes da opressão sofridas pela mulher, isso não se mostrou suficiente para outros estudiosos do assunto, ao contrário, em determinados casos, demonstrou as limitações de suas perspectivas.

As limitações de suas análises, ocasionaram críticas como a de Simone de Beauvoir, como salienta Alambert (1985, p. XVI), no que diz respeito ao materialismo histórico “que não vê no homem e na mulher mais do que duas entidades econômicas.” Uma das críticas direcionadas aos teóricos é relacionada ao papel secundário dado às questões das mulheres. Para Alambert (1985, p. 16), há motivos que justificam a posição tomada por Marx e Engels e as discussões secundárias das problemáticas das mulheres porque

[...] de modo algum poderiam se prender, naquele momento, a questões particulares – por mais importantes que fossem – como as relativas à libertação da mulher. A análise marxista estava voltada, essencialmente, para o exame das relações de produção e do poder burguês no sistema capitalista e para o exame das condições para a transformação revolucionária, como único caminho capaz de levar o ser humano à sua libertação como um todo. Na época, a questão feminina não emergia na arena mundial como um fenômeno capaz de despertar e exigir a atenção dos estudiosos, um fenômeno revestido de particularidades adquiridas historicamente, através dos séculos. [...] Assim sendo, Marx e Engels [...] só tiveram tempo, na época em que viveram, de captar o aspecto mais geral da problemática da mulher, ou seja, a violenta exploração de que ela e seus filhos eram vítimas na sociedade industrial, então em pleno desenvolvimento [...]

Apesar das críticas, as limitações de Marx e Engels levantadas por alguns estudiosos, Clara Zétkin, seguidora dos pensadores clássicos e em defesa de suas obras a respeito de questionamentos anteriores aos de Simone de Beauvoir, assevera: “certamente, Marx não se ocupou da questão feminina ‘enquanto tal’ e ‘em si mesma’. Entretanto, sua contribuição é insubstituível, ela é essencial na luta levada pelas mulheres para conquistar seus direitos.” (ZETKIN, 1890 apud BENOIT, 2000, p. 9). Para Zetkin (1890) apud Benoit (2000, p. 9)

em O capital, acumula-se uma profusão de fatos, de idéias e de sugestões sobre a questão do trabalho feminino, sobre a situação das trabalhadoras, sobre a justificação da proteção legal do trabalho, etc. É um arsenal intelectual inesgotável para nossa luta, tanto para as nossas reivindicações imediatas como para nosso objetivo socialista.

Clara Zétkin e Rosa Luxemburgo, por exemplo, relacionaram em suas discussões métodos de análises marxistas atrelados às lutas feministas para compreender as situações de opressão da mulher na sociedade capitalista, baseadas no materialismo. Existiram outras com seus respectivos méritos, no entanto, enfatizo as duas que assim como as demais contribuíram para o Feminismo Marxista de modo que conseguiram apresentar causas da opressão, da subordinação, da exploração das mulheres, com possíveis formas de superação do sistema capitalista e das desigualdades.

Clara Zetkin, considerada como uma das primeiras feministas, foi uma grande militante e líder da esquerda socialista alemã, revolucionária e também lutou pelo direito ao voto das trabalhadoras. Sobre esse último aspecto, Zetkin (1976, p. 42) destacou o seguinte: “os partidos socialistas de todos os países têm o dever de lutar energeticamente pela conquista do sufrágio universal feminino [...] direito que deve ser reivindicado vigorosamente em todos os lugares de agitação e no parlamento” (Tradução nossa)<sup>14</sup>.

Assim como ela, Rosa Luxemburgo defendia os direitos políticos às mulheres – mas não se restringiu somente a essa pauta – trabalhadoras e dizia que “a proletária precisa de direitos políticos, pois exerce a mesma função econômica que o proletário masculino

---

<sup>14</sup> Texto original: “Los partidos socialistas de todos los países tienen el deber de luchar enérgicamente por la consecución del sufragio universal femenino. [...] derecho que debe ser reivindicado vigorosamente en los lugares de agitación y en el parlamento.”

na sociedade, se sacrifica igualmente para o capital, mantém igualmente o Estado, e igualmente sugada e subjugada por ele” (LUXEMBURGO, 2018, p. 494).

Diferindo do movimento sufragista, para Luxemburgo, a luta pelos direitos políticos das proletárias não ficava restrito somente à conquista do direito ao voto, mas em uma mudança social muito maior, porque as mulheres proletárias e as burguesas não gozavam dos mesmos privilégios de classe. Além disso, as mulheres proletárias, embora não tivessem acesso ao voto, participavam ativamente de reuniões. Luxemburgo (2018, p. 105) aponta

a espetacular sacudida política e sindical das massas do proletariado feminino nos últimos quinze anos apenas se tornou possível porque as mulheres do povo trabalhador, apesar de serem privadas de direitos, tomam parte ativa na vida política e nas lutas parlamentares de sua classe. As proletárias nutriram-se até agora do direito de voto dos homens, do qual elas realmente participam, ainda que apenas indiretamente. A luta eleitoral já é hoje uma causa conjunta, tanto para grandes massas de mulheres quanto para os homens da classe trabalhadora. Em todas as assembleias de eleitores social-democratas, as mulheres formam um público ativo e fervorosamente participante, numeroso, algumas vezes até predominante.

Ressalto que na luta pelos direitos políticos das mulheres proletárias, Clara Zetkin, não deixou de ser crítica quanto a ausência de mulheres em setores dos partidos comunistas, uma vez que, isso seria maléfico para a posição das mulheres na luta de classes, para o desenvolvimento e avanços das lutas dos proletários em sua totalidade. Zetkin (1956), em conversa com Lênin, lamentou a oposição de muitas camaradas do partido, contrárias a organizações de trabalhos entre as mulheres. Ela comentou que os camaradas

rejeitavam-na como feminismo e como retorno às tradições social-democratas e afirmando que os Partidos Comunistas, ao adotar como princípio a igualdade de direitos entre homens e mulheres, deviam trabalhar sem fazer diferenças entre as massas trabalhadoras. As mulheres devem ser admitidas nas nossas organizações como os homens e sem distinção alguma. Qualquer discriminação tanto na agitação como na organização, decorrente das circunstâncias descritas por Lênin, era tachada de oportunismo, por parte daqueles que a ela se opunham, como uma capitulação e uma traição. (ZETKIN, 1956, p. 23-24).

Para a revolucionária o apoio das mulheres seria significativo para a revolução porque “quanto mais o detrimento do trabalho feminino influenciar na vida dos homens,

mais urgente se tornará a necessidade de incluí-las na batalha econômica. Quanto mais a batalha política afetar a existência de cada indivíduo, mais urgente será a participação das mulheres nessa luta.” (ZETKIN, 1984, p. 6). Em sua visão, o apoio das mulheres iria fortalecer o movimento socialista revolucionário do proletariado e permitiria emancipação de mulheres e homens. Além disso, a teórica e militante levantou notáveis reflexões acerca da chamada “questão feminina”.

Zetkin, em seu diário, relata a conversa com Lênin, na qual ela enfatiza a revolta do revolucionário russo com as questões femininas – consideradas por ele como burguesas – debatidas nas reuniões das mulheres, apesar de deixar claro o interesse dele e a importância que dava ao movimento feminino. Segundo Zetkin (1956, p. 7), Lênin teceu críticas a ela ao informar o seguinte:

ouvi dizer que, em vossas reuniões noturnas dedicadas à leitura e aos debates com as operárias, ocupai-vos sobretudo com as questões do sexo e do casamento. Esse assunto estaria no centro de vossas preocupações, de vossa instrução política e de vossa ação educativa! Não acreditei no que ouvi.

As questões femininas levantadas por Clara Zetkin e de outras companheiras de lutas se referiam ao casamento e às questões sexuais, tidas como problemáticas importantes. Porém, Zetkin (1956, p. 9) reafirmou a sua posição:

fiz notar que as questões sexuais e matrimoniais, no regime de propriedade privada, suscitavam múltiplos problemas, que eram causa de contradições e de sofrimentos para as mulheres de todas as classes e de todas as camadas sociais. A guerra e suas conseqüências, disse eu, agravaram ao extremo para a mulher as contradições e os sofrimentos que existiam antes, nas relações entre os sexos.

Mesmo ao deixar o debate sobre as questões femininas em segundo plano, Lênin, de acordo com Zetkin, acreditara que tais questões só poderiam ser tratadas juntamente com os princípios comunistas, sem separação, como é possível observar no trecho: “as teses devem deixar muito claro que somente através do comunismo se realizará a verdadeira libertação da mulher.” (ZETKIN, 1956, p. 21). Ele declara que o movimento feminino precisa ser lidado como uma questão social e dever ser das massas, não apenas do proletariado, mas de todos aqueles oprimidos e vítimas do capitalismo

tratar o problema da mulher como parte da questão social, como problema que toca aos trabalhadores, para uni-lo sòlidamente à luta de classe do proletariado. O movimento comunista feminino deve ser um movimento de massas, uma parte do movimento geral de massas, não só do proletariado, mas de todos os explorados e de todos os oprimidos, de todas as vítimas do capitalismo e de qualquer outra forma de escravidão. (ZETKIN, 1956, p. 22).

Fato é que a questão feminina e o surgimento das classes sociais são elementos imprescindíveis para o entendimento da causa da subjugação da mulher na sociedade de tal forma que não puderam ficar à margem das discussões sobre o lugar de inferioridade imposto a ela, pelo qual tem lutado há anos para ser superado. A questão feminina, conforme Reed (2008, p. 20) “[...] não afeta um grupo minoritário; as mulheres representam a metade da espécie humana. Por outro lado, abrange temas importantes e muito sensíveis, como o das relações sexuais, os laços familiares e outros problemas íntimos entre as pessoas,”

No interior do Feminismo Marxista, como é possível inferir, é questionada a naturalização dos papéis de mãe, cuidadora do lar, responsável pela educação dos filhos e bem-estar do marido, até a sua exploração e subordinação no trabalho mal remunerado no mercado de trabalho, onde a mulher foi e continua sendo vítima do capitalismo e da sociedade classista que lhe impõe papéis sociais, a partir da desqualificação de suas qualidades físicas e intelectuais com base no machismo e sexismo provenientes do patriarcado.

A mulher é inferiorizada tanto por homens quanto por mulheres, e Reed (2008, p. 59) enfatiza de forma categórica que “a inferioridade da mulher é produto de um sistema social que causou e proporcionou inumeráveis desigualdades, inferioridades, discriminações e degradações.” Mas esta inferioridade foi dissimulada atrás de um mito da inferioridade feminina. A despeito da naturalização da mulher, Saffioti (1987, p. 11) afirma

é de extrema importância compreender como a naturalização dos processos socioculturais de discriminação contra a mulher e outras categorias sociais constitui o caminho mais fácil e curto para legitimar a ‘superioridade’ dos homens, assim como a dos brancos, dos heterossexuais e dos ricos.

Mesmo que a mulher, por vezes, seja também oprimida por outra mulher – principalmente por aquela de classe social mais abastada – “a sociedade de classes se caracteriza essencialmente pela dominação masculina, e esta dominação foi difundida e

perpetuada pelo sistema da propriedade privada, pelo Estado, pela Igreja e pelas instituições familiares que servem ao homem.” (REED, 2008, p. 58). Embora tenham também papéis sociais bem definidos – chefe da família, provedor do lar e detentor do poder – e sejam vítimas do sistema capitalista, bell hooks (2019, p. 13) frisa que os

homens, como um grupo, são quem mais se beneficiaram e se beneficiam do patriarcado, do pressuposto de que são superiores às mulheres, e deveriam nos controlar. Mas esses benefícios tinham um preço. Em troca de toda as delícias que os homens recebem do patriarcado, é exigido que dominem as mulheres, que nos explorem e oprimam, fazendo uso da violência, se precisarem, para manter o patriarcado intacto.

Essa realidade não dispõe uma luta entre sexo contra sexo, ou seja, mulheres contra homens, vice-versa, em prol da igualdade e equidade, mas contra as classes e a propriedade privada. De outro modo, a relação de dominação e exploração nas relações assimétricas entre esses pares revelam as várias faces e dimensões das opressões provenientes das relações dentro das sociedades de classe, que acentuam vários e distintos aspectos de dominação relacionados não apenas a classe, mas também à sexo e raça. Para Saffioti (1987, p. 95)

atributos, qualidades, característicos genéticos, como são os casos do sexo e da cor, só qualificam negativamente os seres humanos em situação de desigualdade social, marcada por relações de dominação-subordinação. O mesmo se pode afirmar com relação à posse de riquezas, embora não se trate de algo genético. [...] a rigor, atributos naturais, como a cor e sexo, são racionalmente utilizados para a intensificação da dominação exploração. Os resultados só são positivos para os machos brancos, adultos e ricos, ainda assim se medidos em termos de possibilidades de aumento de riquezas.

No interior do Feminismo Marxista, atributos como raça e sexo são utilizados como categorias úteis de análise das opressões em sociedades divididas em classes sociais, visto que são fatores e instrumentos utilizados para menosprezar indivíduos, precipuamente as mulheres, baseados no racismo, machismo e sexismo. Diante da trajetória de luta de mulheres proletárias, das mulheres das classes menos favorecidas, é visível que mesmo nos movimentos sociais reivindicatórios mais progressistas, as mulheres, sempre personagens fundamentais nos embates políticos em prol de direitos, sofriam com recortes, ora de classe, ora de sexo e raça, e para outras, ambos.

No livro *Mulheres, Raça e Classe*, de Angela Davis (2016), a autora aborda as lutas abolicionistas antiescravista, o sufrágio feminino, as batalhas travadas pelas mulheres trabalhadoras no contexto estadunidense. Ela ressalta as contribuições das mulheres e destaca o fato de sempre terem de lidar com a violenta supremacia masculina através de recortes de raça, classe e através do sexismo enquanto mecanismo de dominação. Nos movimentos progressistas por direitos políticos e civis, as mulheres foram obrigadas a reivindicar seus lugares, mesmo quando elas eram as mais ativas e líderes da militância, visto que para esses homens preconceituosos – e até pelas mulheres de classe média – o lugar da mulher deveria ser restrito a “esfera feminina”.

As mulheres trabalhadoras militavam contra a dupla opressão, “como mulheres e como operárias.” (DAVIS, 2016, p. 65). Já as mulheres negras tinham as suas batalhas travadas contra as injustiças e intolerâncias até no movimento de libertação negra e de direitos da mulher. Essas mulheres, para que sua emancipação fosse de fato eficaz, precisaram vencer a sujeição de viés classista, sexista e racista. No contexto brasileiro, até em nossos dias, a força dessa relação intrínseca de dominação ainda se mostra ativa.

Em um estudo social no Brasil, Saffioti (1987, p. 16) investigou a discriminação contra a mulher e contra o negro, ela inferiu que “a supremacia masculina perpassa todas as classes sociais, estando também presente no campo da discriminação racial.” A estudiosa assegurou, “ainda que a supremacia dos ricos e brancos torne mais complexa a percepção da dominação das mulheres pelos homens, não se pode negar que a última colocada na ‘ordem das bicadas’ é uma mulher. Na sociedade brasileira, esta última posição é ocupada por mulheres negras e pobres” (SAFFIOTI, 1987, p. 16). Saffioti testifica que há uma fusão entre patriarcado, racismo e capitalismo, porque juntos e inseparáveis, eles formam um sistema de dominação-exploração, não podendo ser separados no exame detalhado da situação da mulher na sociedade, principalmente a pobre e negra.

Sobre a dominação do macho, seja qual for seu aspecto, há um grupo específico, beneficiado por esta relação: “as classes dominantes usufruem da simbiose dos três sistemas de dominação-exploração, na medida em que esta simbiose consolida o poder do macho adulto e branco. [...] a burguesia formula normas de conduta através das quais subordina os trabalhadores, mas não se submete a eles.” (SAFFIOTI, 1987, p. 64). E ainda conforme a autora, “esta é uma verdade válida para todos os campos da vida humana, dela não escapando o terreno sexual” (SAFFIOTI, 1987, p. 64).

Assim sendo, o Feminismo Marxista pressupõe classe, sexo e patriarcado como constantes fundamentais para a manutenção de poder nas mãos dos homens brancos, heterossexuais, ricos. As normas de condutas, das mulheres pobres, negras e burguesas são regidas pelos interesses desse grupo, que dita como as relações sociais e pessoais devem ser regidas.

O Feminismo Marxista pressupõe uma luta de viés emancipatório na qual homens, e principalmente as mulheres, agentes mais subalternizados pelas estruturas sociais classistas, racistas e sexistas vigentes, a libertação em que todos possam gozar de sua liberdade de escolha no que tange o seu corpo, a sua sexualidade, e do mesmo modo, possam viver em par de igualdade e equidade em direitos e deveres na sociedade. Além disso, essa vertente possui uma visão mais aberta sobre a ideia e aceitação da participação de homens nas lutas feministas, visto que acredita que eles podem agir como colaboradores, mas não como figuras principais. Isso é um ponto marcante desse feminismo, se levar em consideração a ideia de outras vertentes contrárias as ideias de homens em suas fileiras, dado o lugar privilegiado que os homens ocupam há séculos.

Como dito em outro momento desse capítulo, os movimentos feministas em geral não propõe que as mulheres são seres superiores aos homens, tampouco pretende se opor aos homens, os movimentos se opõe, sim, contra as violências vindas desses homens, que por vezes são naturalizadas, contra os papéis de gêneros os quais eles são o mais privilegiados, já elas as maiores vítimas, da assimetria de poder que as colocam sempre em último lugar na sociedade, principalmente quando se fala em direitos básicos, do racismo e tantas outras formas de violência simbólica.

Dito isso, dentro desse controle sobre a mulher, a luta pela emancipação feminina, do mesmo modo, dos grupos minorizados – pobres, LGBTI, negros, indígenas – e a busca por relações simétricas entre homens e mulheres e a equidade entre ambos, nas mais variadas esferas da sociedade são os alicerces responsáveis pela sustentação da agenda da vertente feminista marxista. Desse modo, desde relações entre patrão X trabalhador, a violência simbólica contra a mulher, até assuntos mais abrangentes como liberdade e a maneira como ela deve agir com o seu corpo, são pressupostos do Feminismo Marxista.

Apesar de o Feminismo Marxista carregar em seu nome dois termos muito contrariados e rechaçado nas sociedades, principalmente a sociedade brasileira atual, se levado em consideração o presente contexto social e político, que com veemência confronta com argumentos pífios, os ideais marxistas. No entanto, de nenhuma forma isso tem sido motivo para recuos da vertente, em militância política – seja ela física ou virtual

- e produção acadêmica. Mesmo frente a preconceitos e desconfiança da parte de muitos, são válidas a leitura e a necessidade no aprofundamento naquilo que se pretende julgar antes de invalidar quaisquer teorias, com base em intolerância e preconceitos. Tais posições podem e devem ser tomadas tanto ao feminismo quanto ao marxismo.

Dada as explicações acerca das ondas feministas, da potência das redes sociais e da sua utilização à serviço do ativismo feministas na internet, culminando em uma nova e recente onda feminista, e por último, a contextualização da vertente do Feminismo Marxista, passo, adiante, a detalhar a metodologia utilizada nesse trabalho de conclusão de curso. Busco especificar, de forma categórica e criteriosa, a organização desse trabalho, e os caminhos traçados desde a sua elaboração até a conclusão.

## CAPÍTULO 2: PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Neste capítulo, o intuito é discorrer acerca das etapas metodológicas percorridas responsáveis por possibilitar tanto a organização, quanto o desenvolvimento e a finalização deste trabalho.

### 2.1 Pesquisa qualitativa-interpretativista em Linguística Aplicada de tipo netnográfica

O escopo deste capítulo é apresentar os procedimentos teóricos e metodológicos que norteiam o desenvolvimento desta pesquisa, fixada na análise discursiva de feministas marxistas que utilizam a página **Feminismo Marxista** na rede social<sup>15</sup> Facebook, como uma ferramenta para praticar o ativismo digital e divulgar os seus discursos. Para isso, o presente estudo situa-se no campo da Linguística Aplicada Indisciplinar (MOITA-LOPES, 2006; PENNYCOOK, 2006; FABRÍCIO, 2006), de maneira que estes teóricos não veem a Linguística Aplicada (LA) a partir da concepção de que ela funciona como mecanismo para solucionar problemas. Ao contrário, “a LA procura problematizá-los ou criar inteligibilidade sobre eles, de modo que alternativas para tais contextos de usos da linguagem possam ser vislumbradas” (MOITA-LOPES, 2006, p. 20).

Assim, fundamentada na concepção da existência de diálogo entre as diversas áreas de estudos, seja de natureza disciplinar (PENNYCOOK, 2006) ou transdisciplinar (PENNYCOOK, 2006; MOITA-LOPES, 2006; ROJO, 2007), considero que, para pesquisas voltadas para LA o pesquisador requer o apoio científico de áreas diversas, visto que em determinados momentos ele se depara com questões e relações com as quais apenas uma ou duas disciplinas não são suficientes para dar suporte ao seu estudo. Portanto, são necessários aportes teóricos de outras áreas para explicar situações que surgem no decorrer da investigação do seu trabalho.

---

<sup>15</sup> Para Raquel Recuero (2009, p. 24) “Uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: *atores* (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas *conexões* (interações ou laços sociais)”. Em linhas semelhantes, Mattar (2013, p. 27) argumenta que “[...] redes sociais são associações entre pessoas conectadas por diversos motivos, em que as pessoas são afetadas pelas próprias conexões com outras pessoas.”

Destaco também o fato de este trabalho ser alicerçado na abordagem qualitativo-interpretativista. Para Chizzotti (1991, p.78) “[...] essas correntes se fundamentam em alguns pressupostos contrários ao modelo experimental e adotam métodos e técnicas de pesquisas diferentes dos estudos experimentais.” Ou seja, é uma pesquisa que não se baseia em métodos quantitativos, isto é, na análise de dados numéricos. De outro modo é interpretativista em razão do fato de que

o que é específico, no mundo social, é o fato de os significados que o caracterizam serem construídos pelo homem, que interpreta e re-interpreta o mundo a sua volta, fazendo assim, com que não haja uma realidade única, mas várias realidades. [...] na posição interpretativista, não é possível ignorar a visão dos participantes do mundo social caso se pretenda investigá-lo, já que é esta que o determina: o mundo social é tomado como existindo na dependência do homem (MOITA LOPES, 1994, p. 331).

Sendo assim, é por meio da abordagem qualitativo-interpretativista utilizada na pesquisa que, posteriormente, é possível ao/a pesquisador/a analisar as práticas discursivas dos sujeitos. Tais práticas – que atribuem significados as suas relações dentro e fora da rede social na internet – possibilitam aos indivíduos variadas interpretações do mundo social, questionamentos sobre as suas vivências e/ou a manutenção de ideias a partir de suas interações feitas em uma série de realidades.

E a respeito da pesquisa ser situada em uma rede social, isto é, um ambiente online, emprego a investigação do netnografia, explicada a seguir.

## **2.2 Noções de netnografia**

As tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC), em nossa contemporaneidade, se ainda não conquistaram por completo, estão a um passo de tomarem para si um lugar cativo nas vivências humanas. As mais diversas sociedades estão se tornando, a cada dia, ambientes mais virtuais, bem como digitais, isto, por sua vez, tem causado inúmeras transformações na forma como os indivíduos têm se relacionado com o mundo a sua volta.

Os *smartphones*, os computadores, as *smartv*, os aplicativos de bancos, os aplicativos de relacionamento, as redes sociais, enfim, são inúmeras as maneiras pelas quais as relações são intermediadas hodiernamente, principalmente com o apoio da internet. Para compreender como os sujeitos se comportam diante de tais mudanças sociais, acarretadas pelo uso dessas tecnologias, pesquisadores têm utilizado a netnografia

como um tipo de metodologia com o objetivo de entender essas transformações. Sobre isso, Miller e Slater (2001, p. 1) consideram que

a internet não é um ciberespaço monolítico ou “não-lugar”. Em vez disso, ele é constituído por inúmeras novas tecnologias, utilizadas por diversas pessoas em muitas locações do mundo real. Consequentemente, há muito a ser ganho por uma abordagem etnográfica, através da investigação de como as tecnologias da Internet estão sendo compreendidas e assimiladas em algum lugar particular (tradução nossa).<sup>16</sup>

A netnografia, termo usado por Kozinets (2014) ou etnografia virtual, empregado por Hine (2004), teve origem a partir da etnografia – sendo esta, comumente utilizada em pesquisas em Ciências Humanas e Ciências Sociais. Para os dois autores anteriormente citados, prevalece o caráter qualitativo dessa abordagem metodológica e o seu emprego em pesquisas desenvolvidas em ambientes online.

Em sua particularidade, a netnografia, diferentemente da etnografia, é relacionada a pesquisas desenvolvidas em ambientes virtuais, tais como: blogs, sites, fóruns entre outros meios de comunicação, com o objetivo de compreender as relações de interação geradas a partir das tecnologias, principalmente aquelas motivadas pelo uso da internet.

Além disso, há outros pontos diferenciais dessa metodologia para a etnografia devido as suas distintas naturezas, são eles: a forma como o pesquisador imerge no *locus* de pesquisa; o modo como ocorrer a geração de dados; o modo como os dados são manuseados e as questões relacionadas à ética empenhada em todo o percurso do trabalho.

Para melhor explicitar essas questões, na próxima seção, serão abordadas as etapas netnográficas responsáveis pelos suportes que permitiram desde a escolha da página até a representação dos dados.

### **2.3 Etapas, geração de dados na netnografia: o contexto netnográfico na página Feminismo Marxista**

A netnografia é detentora de uma série de procedimentos metodológicos responsáveis por garantir não somente a legitimidade, mas também a confiança em pesquisas desenvolvidas em ambientes online, para assim, manter a ética e os protocolos necessários ao percurso científico de investigação. Ademais, ela fornece suportes

---

<sup>16</sup> Texto original: “The internet is not a monolithic or ‘placeless’ cyberspace, rather it is numerous new technologies, used by diverse people, in diverse real-world locations. Hence, there is everything to be gained by an ethnographic approach, by investigating how Internet technologies are being understood and assimilated somewhere in particular.”

específicos para uma análise participativa e observacional, a qual possibilita a imersão do investigador nesses locais, mediadas por computadores, e, atualmente, *smartphones*, *tablet* entre outros instrumentos tecnológicos. Deste modo, Kozinets (2014, p. 61-62), afirma que

a netnografia é pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo online. Ela usa comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal. Portanto, assim como praticamente toda etnografia, ela se estenderá, quase que de forma natural e orgânica, de uma base na observação participante para incluir outros elementos, como entrevistas, estatísticas descritivas, coletas de dados arquivais, análise de caso histórico estendido, videografia, técnicas projetivas como colagens, análise semiótica e uma série de outras técnicas, para agora também incluir a netnografia.

Ainda sobre a relevância da aplicação dos diversos métodos ou princípios básicos, disponibilizados pela netnografia ou etnografia virtual e utilizados no percurso de desenvolvimento da presente pesquisa concebida no interior da página **Feminismo Marxista**, Hine (2004, p. 13) destaca que tal metodologia

pode observar detalhadamente as maneiras pelas quais o uso de uma tecnologia é experimentado. Em sua forma básica, a etnografia consiste que um pesquisador imerja no mundo que estuda por um tempo determinado e leve em conta as relações, atividades e significações que se estabelecem entre quem é participante nos processos sociais desse mundo. O objetivo é tornar explícitas certas maneiras de construir sentido das pessoas, que tendem a serem tácitas ou que são tomadas como supostas. O etnógrafo vive em uma espécie de mundo intermediário, sendo simultaneamente um estranho e um nativo. (tradução nossa).<sup>17</sup>

No tocante ao desenvolvimento dos estudos que lançam mão desse tipo de metodologia<sup>18</sup>, Kozinets (2014, p. 62-63) sugere algumas etapas a serem seguidas como

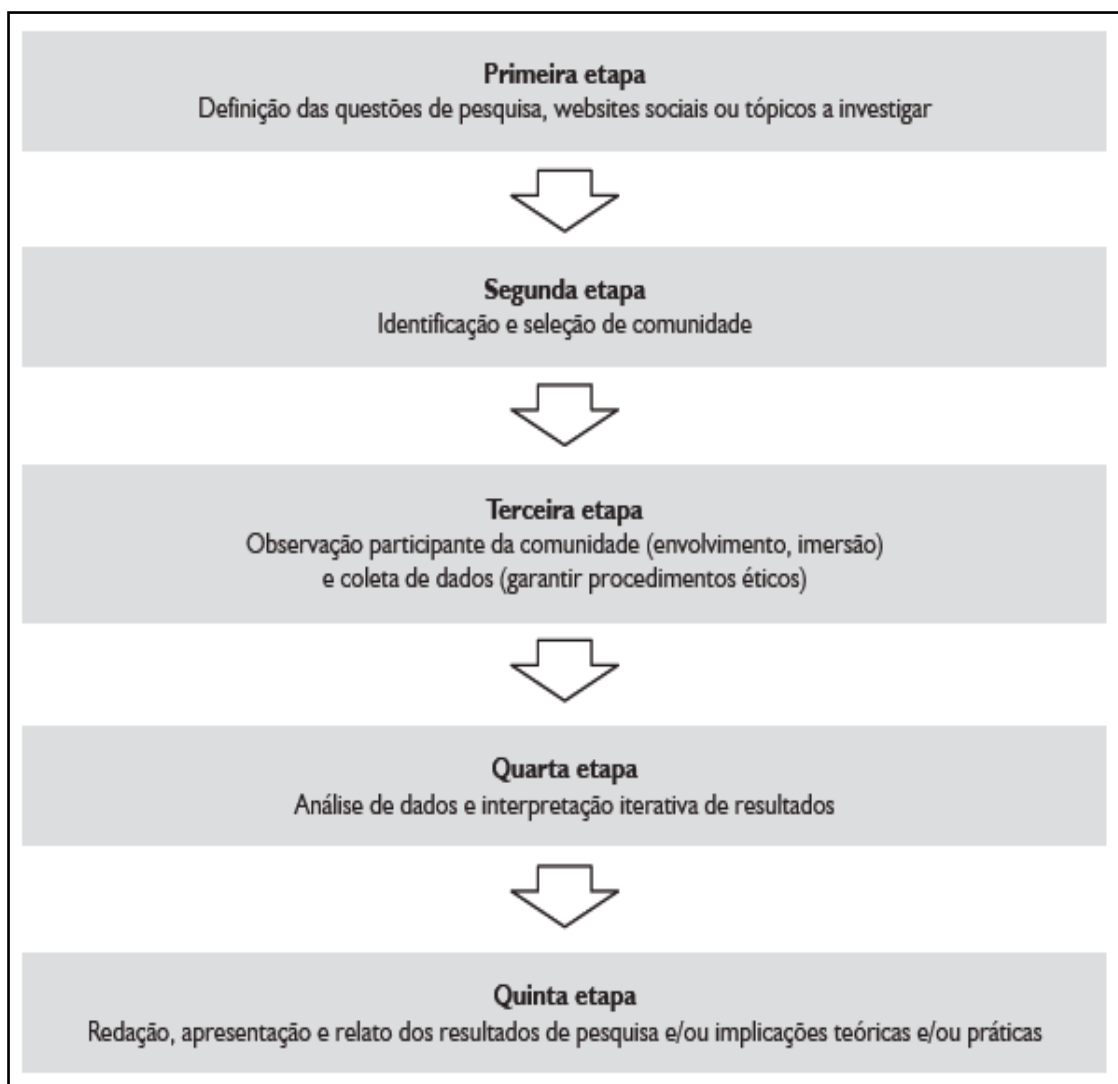
---

<sup>17</sup> Texto original “puede observar con detalle las formas en que se experimenta el uso de una tecnología. En su forma básica, la etnografía consiste en que un investigador se sumerja en el mundo que estudia por un tiempo determinado y tome en cuenta las relaciones, actividades y significaciones que se forjan entre quienes participan en los procesos sociales de ese mundo. El objetivo es hacer explícitas ciertas formas de construir sentido de las personas, que suelen ser tácitas o que se dan por supuestas. El etnógrafo habita en una suerte de mundo intermedio, siendo simultáneamente un extraño y un nativo.”

<sup>18</sup> Durante o processo de organização do trabalho podem surgir implicações metodológicas, todavia, Kozinets (2014, p. 62), enfatiza que a netnografia “[...] tem uma flexibilidade intrínseca e necessária”, isto significa dizer que, caso surja alguma necessidade de adaptação, a netnografia é ajustada ao estudo por meio de ações propostas pelo próprio pesquisador.

“planejamento do estudo, entrada, coleta de dados, interpretação, garantia de padrões éticos e representação da pesquisa”. É possível obter uma visualização mais organizada dessas etapas netnográficas – partindo desde o planejamento da pesquisa até a apresentação dos seus resultados – no fluxograma desenvolvido por Kozinets (2014, p. 63), exposto na Figura 1:

**Figura 1:** Organização esquemática dos passos de uma pesquisa netnográfica.



Fonte: Kozinets (2014, p. 63).

No primeiro passo, ocorreu o planejamento da pesquisa, momento no qual ficou definido o objetivo geral e os objetivos específicos da minha pesquisa, como já citados na introdução. Além disso, nessa etapa surgiram as questões de pesquisa – também citadas na introdução.

Com essa etapa inicial concebida, definido o *locus* de pesquisa, os objetivos norteadores levantados, e as questões de pesquisas, migrei então para a segunda fase, isto é, para a tarefa de identificação, e em seguida, a seleção da página específica para responder as inquietações levantadas na etapa anterior.

Assim, na segunda etapa, referente à “identificação e seleção da comunidade” (KOZINETS, 2014, p. 63), diversos critérios são apontados para auxiliar na escolha da comunidade online<sup>19</sup>, neste caso, a página a ser selecionada para análise. Esse período de identificação e escolha da página transcorreu, no caso desta pesquisa, durante 45 dias, seguindo sugestões proposta por Kozinets (2014, p. 87), as quais são:

1) *relevantes*, elas se relacionam com seu foco e questão (ões) de pesquisa; 2) *ativas*, elas têm comunicações recentes e regulares; 3) *interativas*; elas têm um fluxo de comunicações entre os participantes; 4) *substanciais*, elas têm uma massa crítica de comunicadores e um sentimento energético; 5); *heterogêneas*, elas têm diversos participantes diferentes 6) *ricas em dados*, oferecendo dados mais detalhados ou descritivamente ricos.

Ao fazer a aplicação da flexibilidade – dada a capacidade de adaptação da metodologia abordada – visando respeitar os interesses específicos da minha investigação, os critérios definidos para a escolha da página foram: **1) página com vertente feminista explícita<sup>20</sup>** e **2) número de usuários seguidores da página**. Para isso, o instrumento intitulado “pesquisar no Facebook”, disponibilizado na rede social para buscas de interesses pessoais dos usuários, tornou-se o mecanismo responsável por possibilitar o acesso a inúmeras escolhas possíveis, por meio da digitação das palavras-chave *feminismo* e *feminista*, as quais permitiram uma melhor filtragem e seleção da página específica aqui estudada.

No que compreende as buscas, surgiram distintas páginas, entre elas: *Feminismo*; *Feminismo Sem Demagogia – Original*; *Ventre feminista*; *Preciso do feminismo porque*; *Feminismo Revolucionário*, **Feminismo Marxista**, entre outras. Mas, para a definição da escolha o critério - **1) página com vertente feminista explícita** - mostrou a **Feminismo Marxista** como opção mais adequada porque de acordo com seu nome de identificação ela é voltada à vertente do Feminismo Marxista. Do mesmo modo, a referida página usa

---

<sup>19</sup> Termo aconselhado a ser utilizado por Kozinets (2014, p. 16-17) quando “usado em seu sentido mais fundamental para referir-se a um grupo de pessoas que compartilham de interação social, laços sociais e um formato, localização ou “espaço” interacional comum, ainda que, nesse caso, um “ciberespaço” virtual ou mediado pelo computador.”

<sup>20</sup> Nem todas as páginas feministas no *Facebook* deixam claro aos seus seguidores a qual vertente estão ligadas.

imagens no perfil e na foto de capa com desenhos de mulheres e símbolos que fazem alusão tanto ao comunismo quanto ao feminismo. A página também tem fixado em seu perfil, na aba “Sobre”, a frase de Rosa Luxemburgo (2018) com os dizeres “para a mulher proletária todo o mundo é a sua casa.”

**Figura 2:** Imagens da capa e do perfil da página Feminismo Marxista.



Fonte: Feminismo Marxista, Facebook – 2016.

O item 2) **número de usuários seguidores<sup>21</sup> da página**, em concomitância com o critério anterior, assegurou também a escolha da **Feminismo Marxista** em virtude do grande volume de seguidores, pois a página, até o período presente possui o total de 70.604 seguidores se comparada com as outras possibilidades de páginas que apareceram. Em suma, os critérios citados serviram como base para a busca, a seleção e, por fim, para a entrada na página *Feminismo Marxismo*, na segunda etapa da netnografia.

Portanto, todos os passos correspondentes à busca, à escolha e à imersão no interior da página dizem respeito à entrada/*antrée*<sup>22</sup>, momento no qual os etnógrafos “[...] devem buscar, encontrar e ingressar no campo de uma comunidade ou cultura [...]” (KOZINETTS, 2014, p. 62). O processo de entrada, imprescindível para seleção do *locus*, por meio das etapas e critérios adotados, foi ainda mais primordial na terceira etapa da netnografia.

<sup>21</sup> Usuário seguidor diz respeito ao número total de seguidores indicados no perfil inicial da página.

<sup>22</sup> Palavra de origem francesa utilizado por Kozinets (2014, p. 62), traduzida para o português brasileiro como “entrada”.

Assim, a terceira etapa da netnografia compreende dois momentos. O primeiro, no qual é feita a observação, isto é, quando o sujeito pesquisador imerge no ambiente virtual e faz a geração dos dados, respeitando padrões éticos da pesquisa (KOZINETS, 2014). Dito isso, na primeira fase da terceira etapa eu entrei de forma definitiva na **Feminismo Marxista** no dia 1º de agosto de 2018, período referente às observações e a geração de dados<sup>23</sup> – os dados eram selecionados do 1º ao 30º/31º dia do mesmo mês –, ambas finalizadas no dia 31 de dezembro de 2019, compreendendo um recorte temporal de dezessete meses.

Porém, saliento que apesar da minha presença dentro desse ambiente virtual ser constante, de modo que a minha participação transcorreu a partir de observações, mapeamentos e gerações de dados diárias, o perfil de pesquisadora adotado foi o *lurker*, ou silencioso, sendo este para Polianov (2013, p. 64)

[...] aquele que apenas observa determinado grupo social, objetivando interferir o mínimo possível em suas práticas cotidianas (sabe-se que uma não interferência em grau absoluta não é possível, tendo em vista que sua presença, ainda que não anunciada, afetarà o objeto de estudo). Trata-se de uma prática denominada lurking, que em inglês significa “ficar à espreita” (BRAGA, 2006). Tal prática seria característica do ciberespaço e através dela o ator não se manifesta, apenas dedicando-se à observação do comportamento dos outros.

A partir disso, a participação ocorreu com o mínimo de interferência, ou seja, sem os meus comentários, curtidas ou compartilhamentos, permitindo a interação unicamente entre os sujeitos daquela página, com a preocupação de não prejudicar as relações criadas dentro da comunidade, do mesmo modo, a seleção dos dados arquivais.

A imersão na página permitiu conhecer algumas de suas principais características no que diz à organização. Com base nos usos de nove pseudônimos<sup>24</sup> femininos, por exemplo, há uma indicação de a administração da **Feminismo Marxista** ser feita por distintas pessoas, responsáveis pela criação e pelo compartilhamento de uma gama de conteúdo.

---

<sup>23</sup> Com isso, nenhuma postagem anterior ao dia 1º de agosto de 2018 ou posterior ao dia 31 de dezembro de 2019 serviu como dado analisado.

<sup>24</sup> A utilização de pseudônimos ocorre em função da proteção da identidade verdadeira de administradores de páginas no *Facebook* com o intuito de evitar ataques virtuais ou de não misturar a vida pública com a privada.

Os conteúdos, por sua vez, são endereçados aos seus 70.604 seguidores, contudo, em decorrência do nível de engajamento<sup>25</sup> efetuado em certas publicações, o alcance do público não se limita apenas aos seus seguidores, ao contrário, atinge diversos usuários<sup>26</sup> que desconhecem – até aquele momento – ou não compartilham dos mesmos interesses da **Feminismo Marxista**. Assim ocorreu a primeira parte da terceira etapa netnográfica.

O fator de engajamento dos usuários do Facebook nas postagens tem extrema relevância para o sucesso ou derrocada de uma página e por conta disso existem mudanças frequentes no número de seguidores nesse tipo de comunidade online. Os chamados “likes” ou curtidas – no português brasileiro – referem-se ao interesse de sujeitos em conteúdos divulgados em uma rede social.

Em contrapartida, o “*deslike*” é o termo em língua inglesa indicado para a ocasião na qual os usuários deixam de seguir uma página ou pessoa em detrimento da perda de interesse no conteúdo divulgado, pela discordância de ideias referentes a um ou mais temas abordados naquele ambiente ou até mesmo pela falta de engajamento da própria página quando há poucas interações com os seguidores. Conforme Mangala e Neemalar (2015, apud MORGADO, 2019, p. 11)

se a falta de engajamento permanece por uma duração mais longa, em seguida, os fãs tendem a formar uma afinidade fraca com a página, como resultado do algoritmo que irá evitar mostrar essas postagens de baixa afinidade na página do usuário, o que pode levar à desconexão dos fãs da página.

Dessa forma, é comum a oscilação no número de seguidores, logo, isso tem a ver com a quantidade de postagens diárias, com os temas discutidos entre outros fatores. Este último aspecto, relacionado aos temas abordados, por vezes é o principal causador de engajamentos positivos ou negativos para as páginas e perfis na internet, consequentemente propiciando o aumento ou diminuição na quantidade de seguidores nesses ambientes. Assim ocorreu a primeira parte da terceira etapa netnográfica.

No segundo momento da terceira etapa – relativa à geração de dados –, foi possível observar que os temas publicados na página estão relacionados a uma multiplicidade de conteúdos, tais como: violência, política e, por exemplo, veganismo. A respeito dos dados arquivais gerados, a organização seguiu esta ordem: 1) publicações com maior

---

<sup>25</sup> Termo comumente utilizado na área de marketing, sendo aplicado no uso de redes sociais como o Facebook, que segundo Moura (2011, p. 22) “[...] tem como significados: incitar, instigar, envolver ou levar alguém a se dedicar a alguma coisa ou causa.”

<sup>26</sup> Por esta razão utilizo o termo usuário no percurso do trabalho para me referir a qualquer indivíduo que interage com a página uma vez que é difícil distinguir quem de fato é seguidor ou não.

engajamento em comentários; 2) capturas de tela (*screenshot*); e 3) armazenamento dos dados em pastas.

A escolha pelas publicações baseado no maior número de engajamento por intermédio de comentários se deu pelo entendimento de que comentar uma publicação requer um nível de interação mais profunda por parte do usuário do que apenas curtir/reagir ou compartilhar uma postagem. Desse modo, o principal critério de coleta, assim como a seleção dos dados, em todo o percurso do presente trabalho, ocorreu alicerçado nesse tipo específico de engajamento.

É necessário enfatizar o critério netnográfico ético adotado na pesquisa, de forma que os comentários serviram exclusivamente como aspecto norteador das coletas de dados, assim, os usuários não tiveram seus nomes e comentários expostos. Do mesmo modo, os indivíduos – pessoas “não públicas”, isto é, aquelas que não tinham o perfil com alcance tal como a página **Feminismo Marxista** – que tiveram seus conteúdos compartilhados pela página aqui estudada, estão com os seus perfis em anonimato, respeitando-se a individualidade dessas pessoas, mesmo que suas postagens sejam públicas e de acesso livre.

Posto isso, todos dias – do dia 1º até somente o dia 30 ou 31 daquele mesmo mês – todas as postagens eram geradas, selecionadas e nomeadas por intermédio de capturas de telas ou *screenshot*, momento no qual eram tiradas fotos do monitor do computador com suportes fornecidos pelo próprio aparelho eletrônico (Insert Prt Sc), com o auxílio do programa Paint<sup>27</sup>. As capturas eram transformadas em imagens, nomeadas com a data de publicação e o tema da postagem<sup>28</sup>. Por fim, as imagens eram salvas em pastas no computador, as quais foram intituladas com o nome do mês e o ano referente ao período de geração e seleção, o que auxiliou na organização dos dados.

No total foram contabilizadas 402 postagens geradas, mapeadas e catalogadas. Tais postagens foram cruciais para compreender quais os tipos de discursos as feministas da página **Feminismo Marxista** compartilharam nesse período, quais as suas agendas, lutas, entre outros aspectos.

Para isso, as publicações foram organizadas com base em temas, como veremos no quadro a seguir:

---

<sup>27</sup> Programa de computador utilizado na elaboração de desenhos e edição de imagens.

<sup>28</sup> As nomeações dos temas ficaram mais oficiais ou claros a partir do segundo mês de observação, quando foi possível perceber a predominância de cada um deles.

**Quadro 1:** Os temas recorrentes durante o período de agosto de 1º de agosto de 2018 a 31 de dezembro de 2019.

	<b>Temas</b>	<b>Predominância dos temas nas publicações</b>
<b>1</b>	Questões sociais	126
<b>2</b>	Política	60
<b>3</b>	Questões de gênero e sexualidade	56
<b>4</b>	Problemas de classe	40
<b>5</b>	Abordagens relacionadas ao comunismo e marxismo	31
<b>6</b>	Violência	28
<b>7</b>	Histórias de mulheres marcantes	26
<b>8</b>	Aborto	15
<b>9</b>	Veganismo	11
<b>10</b>	Assuntos não categorizados <sup>29</sup>	9
	<b>Total</b>	402

Fonte: Elaborado pela autora.

No quadro 1, são apresentados os temas mapeados e nomeados de acordo com a sua recorrência, além da predominância em postagens feitas pela página **Feminismo Marxista**. Na primeira posição do quadro, por exemplo, aparece o tema nomeado como “Questões sociais”, seguido do número 126, isto significa dizer que do total de 402 publicações, esta categoria apareceu em 126 publicações diferentes na **Feminismo Marxista**. A mesma organização ocorreu com os demais dados.

À medida que os temas eram organizados surgiu a necessidade de fazer um detalhamento maior desses dados pensando-se na viabilidade do processo de análise dos discursos presentes nas postagens. Isto ocorreu por meio de classificações pautadas no engajamento, especificamente a quantidade de comentários recebidos em suas publicações por parte dos seguidores. Portanto, o detalhamento das temáticas resultou no Quadro 2.

<sup>29</sup> Os “assuntos não categorizados” são aqueles não encaixados em nenhuma das categorias apresentadas acima, em razão de terem sido pouco mencionados.

**Quadro 2:** Classificação do detalhamento das dezessete postagens mais comentadas no período de 1º agosto de 2018 a 31 dezembro de 2019.

<b>Mês de coleta</b>	<b>Quantidade de comentários em cada postagem selecionada</b>	<b>Temas</b>
1º - agosto de 2018	2,6 mil comentários	Política
2º - setembro de 2018	61 comentários	Política
3º - outubro de 2018	94 comentários	Violência
4º - novembro de 2018	24 Comentários	Histórias de Mulheres Marcantes
5º - dezembro de 2018	33 Comentários	Questões de Gênero e Sexualidade
6º - janeiro de 2019	170 comentários	Abordagens Relacionadas ao Comunismo e Marxismo
7º - fevereiro de 2019	270 comentários	Política
8º - março de 2019	186 comentários	Abordagens Relacionadas ao Comunismo e Marxismo
9º - abril de 2019	60 comentários	Questão social
10º - maio de 2019	222 comentários	Questão social
11º - junho de 2019	146 comentários	Questão social
12º - julho de 2019	05 comentários	Abordagens Relacionadas ao Comunismo e Marxismo
13º - agosto de 2019	82 comentários	Violência
14º - setembro de 2019	110 comentários	Questão social
15º - outubro de 2019	18 comentários	Histórias de Mulheres Marcantes
16º - novembro de 2019	81 comentários	Questões de Gênero e Sexualidade
17º - dezembro 2019	28 comentários	Abordagens Relacionadas ao Comunismo e Marxismo

Fonte: Elaborado pela autora.

No Quadro 2, estão apresentadas as publicações referentes a cada mês e ano de geração de dados, organizadas com os seus respectivos temas e classificadas assente ao

maior número de engajamento de comentários de acordo com os dezessete meses de participação na página. Para exemplificar a classificação acima, tomemos o mês de agosto de 2018, neste caso, o início da inserção, observação e geração de dados na página **Feminismo Marxista**. Do dia 1º a 31 desse mês, inúmeros dados passaram por cuidadosas observações, no entanto, em virtude de sua expressividade, com 2,6 mil engajamentos em formato de comentários, a postagem “Política”, manifestou-se como escolha adequada à pesquisa.

Vemos o mesmo processo ocorrer sucessivamente, isto é, a publicação mais comentada em cada um dos dezessete meses era destacada das demais. O quadro 2 não apenas proporcionou a visualização das postagens mais engajadas pelos usuários no período no qual eu fiquei na página, mas também viabilizou o delineamento dos interesses deles em determinados temas. Ao levar em consideração o quadro anterior eu destaquei a recorrência de temas específicos nas dezessete publicações, em conformidade com o engajamento dos usuários. O quadro 3 mostra as mais notáveis.

**Quadro 3:** Categorias com mais recorrências no período de 1º de agosto de 2018 a 31 dezembro de 2019.

<b>Temas</b>	<b>Números de recorrências em publicações</b>
Questão social	04
Abordagens Relacionadas a Comunismo e Marxismo	04
Política	03
Histórias de Mulheres Marcantes	02
Violência	02
<b>Total de categorias presentes nas dezessete postagens:</b>	<b>06</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

O Quadro 3 é um desdobramento do Quadro 2 porque ele apresenta os temas que motivaram engajamentos expressivos dos seguidores. No Quadro 3, aparecem, além dos temas abordados, também ao lado, a quantidade de publicações distintas em que elas estavam presentes. Com isso, neste último quadro é finalizada a última parte da terceira etapa netnográfica.

Em face das observações tomadas ao longo das etapas já citadas, precipuamente na participação metódica na **Feminismo Marxista**, apoiada na terceira etapa metodológica, as seguintes questões de pesquisa intercorreram: a) Como ocorre o ativismo feminista marxista na página? e b) Quais as repercussões das postagens dentro

deste ambiente virtual e suas possíveis contribuições sociais? Estes questionamentos puderam ser respondidos na quarta etapa netnográfica.

A quarta etapa que corresponde à “análise de dados e interpretação iterativa de resultados” (KOZINETS, 2014, p. 63), pode ser esmiuçada no capítulo de análise dos dados da pesquisa, presente no capítulo 5. Por isto, as questões de pesquisas construídas no percurso da metodologia foram esquadrihadas nessa penúltima etapa. Já a quinta e última etapa, “redação, apresentação e relato dos resultados de pesquisa /ou implicações teóricas e/ou práticas” (KOZINETS, 2014, p. 63), refere-se à finalização do meu trabalho de conclusão de curso.

Esse foi o percurso metodológico adotado nesse trabalho de conclusão de curso. No próximo capítulo será abordada a teoria – Análise de Discurso Crítica – empregado na análise dos dados dessa pesquisa.

### 3 ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA

Neste capítulo, serão abordadas algumas categorias presentes na Análise de Discurso Crítica as quais foram empregadas na análise dos dados. Assim, inicialmente, apresento a categoria utilizada na dimensão textual, em seguida, as categorias empregadas na análise das práticas discursivas e por fim, as categorias da prática social.

#### 3.1 ADC, Discurso e as categorias de análise

A Análise de Discurso Crítica (ADC) “[...] foi um termo usado inicialmente pelo pesquisador britânico Norman Fairclough, um dos expoentes na ADC, no artigo *Critical and Descriptive in Discourse Analysis*, publicado no periódico *Journal of Pragmatics*, no ano de 1989. Ela se consolidou a partir do ano seguinte como uma rede internacional de pesquisadores, entre eles, Teun Van Dijk e Ruth Wodak, em um simpósio onde foram discutidas “diferenças e similitudes de olhares sobre a linguagem [...] principalmente em relação a outras teorias e metodologias em análise de discurso e a um programa estruturador das abordagens teóricas [...]” (MELO, 2018, p. 29).

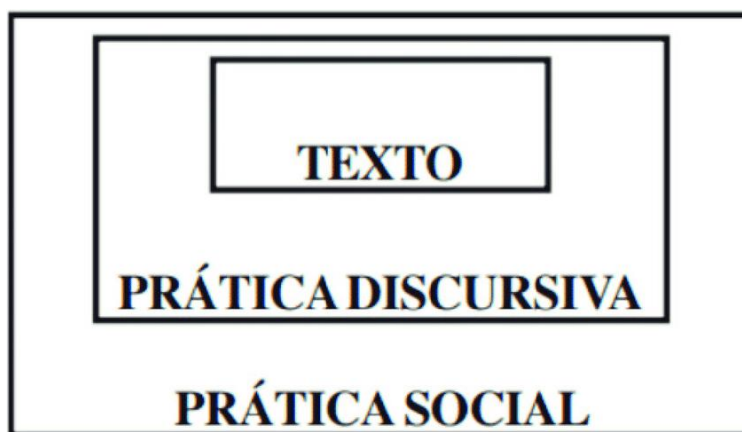
Desse modo, a ADC utilizada nesta pesquisa é a de linha anglo-saxã, baseada nas teorias de Fairclough (1989, 2001, 2003), que conforme o autor é uma “[...] área de estudo muito diversificada, com uma variedade de abordagens em um grupo de disciplinas [...]” (FAIRCLOUGH, 2019, p. 33). Ademais, tem caráter transdisciplinar em decorrência do seu diálogo com outras disciplinas (MELO, 2018), na busca de superação para problemas sociais alicerçados em discursos manifestados na sociedade em geral.

No tocante à definição de discurso Fairclough (2019, p. 94-95) salienta que

ao usar o termo ‘discurso’, proponho considerar o uso da linguagem como forma de prática social e não como atividade puramente individual ou reflexo de variáveis situacionais. [...] Primeiro implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. [...] Segundo, implica uma relação dialética entre o discurso e a estrutura social: a última é tanto uma condição como um efeito da primeira. Por outro lado, o discurso é moldado e restringido pela estrutura social no sentido mais amplo e em todos os níveis: pela classe e por outras relações sociais em um nível societário, pelas relações específicas em instituições particulares, como o direito ou a educação, por sistemas de classificação, por várias normas e convenções, tanto de natureza discursiva como não discursiva, e assim por diante.

Nessa perspectiva, o discurso muito interessa a este trabalho por ser tido como uma representação, uma maneira em que os sujeitos podem agir não apenas sobre si mesmo, como também sobre os demais indivíduos da sociedade, além da sua relação dialética com a estrutura social. Dito isso, assumo aqui a utilização da concepção baseada no primeiro modelo tridimensional do discurso desenvolvida por Fairclough (2019), para analisar os discursos vigentes na **Feminismo Marxista**, exibido na imagem abaixo.

**Figura 3:** Primeiro modelo de concepção tridimensional do discurso.



Fonte: Fairclough (2019, p. 105).

De acordo com Fairclough (2019), a ADC, em sua concepção tridimensional do discurso, traz os seguintes conceitos para cada uma dessas dimensões do discurso: a prática social, por exemplo, “tem várias orientações – econômica, política, cultural, ideológica –, e o discurso pode estar implicado em todas elas, sem que se possa reduzir qualquer uma dessas orientações do discurso” (FAIRCLOUGH, 2019, p. 98).

A prática discursiva, para Fairclough (2019, p. 96), “é constitutiva tanto de maneira convencional como criativa: contribui para reproduzir a sociedade (identidades sociais, relações sociais, sistemas de conhecimento e crença) como é, mas também contribui para transformá-la”. Essa prática envolve “processos de produção, distribuição e consumo textual e a natureza desses processos varia entre diferentes tipos de discurso de acordo com fatores sociais” (FAIRCLOUGH, 2019, p. 111).

Já no que diz respeito a última dimensão do modelo, a concepção de discurso como texto, segundo o autor, é que

[...] nunca se fala sobre aspectos de um texto sem referência à produção e/ou à interpretação textual. A divisão dos tópicos analíticos entre análise textual e análise da prática discursiva (e entre as atividades analíticas de descrição e

interpretação) não é nítida. Onde os aspectos formais dos textos são mais destacados, os tópicos são aí incluídos; onde os processos produtivos e interpretativos são mais destacados, os tópicos são incluídos na análise da prática discursiva, mesmo que envolvam aspectos formais dos textos. (FAIRCLOUGH, 2019, p. 106).

Ainda sobre tal aspecto relativa ao texto, considerando a imprescindível necessidade de fazer a sua referência à produção e à interpretação textual é válido dizer que

o exame dos textos vai mostrar aspectos gramaticais –vocabulário, construções sintáticas, coesão e coerência – e discursivos, como argumentação, a retórica, o emprego da modalidade e da negação, que aparecem como marcas ou pistas para compreensão e interpretação de textos e de sua vinculação a uma determinada formação discursiva” (MAGALHÃES; MARTINS; RESENDE, 2019, p. 43).

Algumas dessas especificidades gramaticais – como a coerência – e discursivas – utilização da negação – serão aplicadas na análise dos dados. Ao levar em conta tais considerações sobre a prática social, a prática discursiva e o texto, busco, por conseguinte, na ADC, em sua concepção tridimensional me debruçar nos discursos divulgados pela **Feminismo Marxista**, de maneira a tornar visíveis os causadores ou perpetuadores das situações de desigualdades, tais como opressões, violência e assimetrias sociais, ora legitimadas, ora confrontadas nos discursos da página ou de terceiros.

Assim, é primordial sinalizar os dispositivos que promovem a manutenção das desigualdades sociais, porquanto “parte das desigualdades sociais, em qualquer sociedade, decorre das desigualdades linguísticas, que decorre da pressão para que o falante opere funções do discurso com base em recursos disponíveis, mas desigualmente acessíveis” (VIERA; MACEDO, 2018, p. 50).

Por assim dizer, com o objetivo de analisar os recursos empregues nos discursos que possibilitam a perpetuação de opressões e aqueles utilizados pela *Femismo Marxista*, no sentido de emancipação, no quadro a seguir destaco os conceitos das categorias de análises utilizadas no meu trabalho de conclusão de curso.

**Quadro 4:** Conceitos das categorias de análise da ADC utilizadas neste trabalho de conclusão de curso.

Texto	Prática discursiva	Prática social
<p><b>significados de palavras:</b> “[...] como produtores estamos diante de escolhas sobre como usar uma palavra e como expressar um significado por meio de palavras, e como intérpretes sempre nos confrontamos com decisões sobre como interpretar as escolhas que os produtores fizeram (que valores atribuir a elas).” (FAIRCLOUGH, 2019, p. 239)</p>	<p><b>Produção:</b> “os textos são produzidos de formas particulares em contextos sociais específicos” (FAIRCLOUGH, 2019, p. 111)</p> <p><b>Distribuição:</b> “Alguns textos têm distribuição simples – uma conversa casual pertence apenas ao contexto imediato de situação em que ocorre – enquanto outros têm distribuição complexa.” (FAIRCLOUGH, 2019, p. 112)</p> <p><b>Consumo:</b> “Os textos também são consumidos diferentemente em contextos sociais diversos [...] o consumo, como a produção, pode ser individual ou coletivo.” (FAIRCLOUGH, 2019, p. 112)</p> <p><b>Contexto:</b> “contexto de situação: os intérpretes chegam a interpretações da totalidade da prática social da qual o discurso faz parte, e tais interpretações conduzem a predições sobre os sentidos dos textos que novamente reduzem a ambivalência pela exclusão de outros sentidos possíveis.” (FAIRCLOUGH, 2019, p. 115)</p> <p><b>Coerência:</b> “um texto coerente é um texto cujas partes constituintes (episódios, frases) são relacionadas com um sentido, de forma que o texto como um todo ‘faça sentido’, mesmo que haja relativamente poucos marcadores formais dessas relações de sentido – isto é, relativamente pouca coisa explícita [...]” (FAIRCLOUGH, 2019, p. 118)</p> <p><b>Intertextualidade Manifesta<sup>30</sup></b></p> <p><b>Representação de discurso:</b> “Uso o termo ‘representação de discurso’ em lugar do termo tradicional ‘discurso relatado’ porque <i>i</i>) ele capta melhor a ideia de que, quando se ‘relata’ o discurso, necessariamente se escolhe representá-lo de um modo em vez de outro; e <i>ii</i>) o que está representado não é apenas a fala, mas também, a escrita, e não somente seus aspectos gramaticais, mas também a sua organização discursiva, assim como vários outros aspectos do evento discursivo – suas circunstâncias, o tom no qual as coisas foram ditas, etc.” (FAIRCLOUGH, 2019, p. 159)</p>	<p><b>Ideologia</b></p> <p><b>Pressuposição:</b> “Pressuposições são proposições que são tomadas pelo (a) produtor (a) do texto como já estabelecidas ou ‘dadas’ [...] e há várias pistas formais na organização de superfície do texto para mostrar isso.” (FAIRCLOUGH, 2019, p. 161)</p> <p><b>Hegemonia</b></p> <p>Orientações econômicas, políticas, culturais, ideológicas</p>

<sup>30</sup> “A intertextualidade manifesta é o caso em que se recorre explicitamente a outros textos específicos em um texto [...] Discutirei a intertextualidade manifesta em relação a: representação de discurso, pressuposição, negação, metadiscurso e ironia.” (FAIRCLOUGH, 2019, p. 158 - 159).

	<p><b>Negação:</b> “as frases negativas carregam tipos especiais de pressuposição que também funcionam intertextualmente, incorporando outros textos somente para contestá-los ou rejeitá-los” (FAIRCLOUGH, 2019, p. 163)</p> <p><b>Ironia:</b> “[...] a ironia depende de os intérpretes serem capazes de reconhecer que o significado de um texto ecoado não é o significado do produtor do texto.” (FAIRCLOUGH, 2019, p. 165)</p>	
--	--	--

Fonte: Adaptação do modelo de Fairclough (1992).

A partir destas categorias, os discursos propagados na **Feminismo Marxista** serão analisados, de modo a observar como se desenham as lutas dessas ativistas dentro do Facebook. Na dimensão textual, será utilizado a categoria “significados de palavras”, enquanto na prática discursiva “produção, distribuição, consumo, contexto e coerência, representação de discurso, negação e ironia”, já na prática social “pressuposição” e por alguns aspectos da hegemonia, no interior da orientação econômica, política, cultural e ideológica”.

A presente conceituação das categorias ocorreu de maneira meramente organizacional, sendo assim, no capítulo 4, será possível obter um vislumbre na prática, da importância de como as categorias foram empregadas na análise.

Dessa maneira, para finalizar esse capítulo reitero que a ADC torna-se um instrumento imprescindível para compreender como os sujeitos, através das práticas sociais, das práticas discursivas e dos textos, agem no mundo de modo a contribuir ou não para que ocorram mudanças estruturais na sociedade com o objetivo de fazer com que os sujeitos se tornem conscientes de suas situações de opressão e as superem.

## **CAPÍTULO: 4 ANÁLISE DOS DISCURSOS DA PÁGINA FEMINISMO MARXISTA**

Neste capítulo, apresento a análise de dados obtidos a partir dos discursos feministas marxistas compartilhados na página **Feminismo Marxista**, no interior da rede social *Facebook*.

### **4.1 O percurso adotado na análise dos dados**

No percurso de composição do trabalho, duas questões de pesquisa – já mencionadas no capítulo três dessa monografia – mostraram-se relevantes durante o processo de imersão dentro da **Feminismo Marxista**. Sendo assim, este capítulo foi dividido em dois momentos: 1) (Discurso como) Práticas sociais: o comportamento da página e as 2) Práticas discursivas: detalhando o funcionamento dos discursos.

### **4.2 (Discurso como) Práticas sociais: o comportamento da página**

Os discursos disseminados pelas administradoras da página *Feminismo Marxismo* são diversificados. Conforme já observada, a agenda feminista marxista transita por várias temáticas que estão associadas, no interior das práticas sociais, a diferentes orientações – política, ideológica, cultural, econômica – que envolvem questões hegemônicas. Para compreender tais questões nas quais os discursos feministas se assentam é pertinente trazer à luz a concepção de hegemonia perfilhada por Fairclough (2019, p. 127), entendida pelo autor como

liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade. Hegemonia é o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais, em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um ‘equilíbrio instável’. Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar o seu consentimento.

Consoante ao conceito exposto, esta primeira parte da análise focalizará aspectos hegemônicos das orientações situadas nas práticas sociais das postagens. Assim, para enfatizar as práticas sociais da página **Feminismo Marxista**, amparado nos desdobramentos das informações contidas no Quadro 3 do capítulo da metodologia, foi

elaborado o quadro 5, com as publicações mais engajadas em termos de comentários, isto é, o mesmo critério de seleção de publicações adotado em todo o trabalho.

**Quadro 5:** Dados para análise refinados a partir do Quadro 3.

Quantidade de postagens por temas:	Temas	Data de coleta	Número de comentários
1	Questão social	a) 1º de maio de 2019	219
1	Abordagens relacionadas ao comunismo e marxismo	b) 23 de março de 2019	180
1	Política	c) 30 de agosto de 2018	1,2 mil
1	Histórias de mulheres marcantes	d) 9 de novembro de 2018	24
1	Violência	e) 3 de outubro de 2018	95

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao me deparar com um número considerável de dados no Quadro 3, referente aos temas mais recorrentes de 1º de agosto de 2018 a 31 de dezembro de 2019, apenas as publicações com maior engajamento concernentes a cada um desses temas foram escolhidas para o quadro de análise atual. As postagens que integram o Quadro 5 exibem, de modo mais rigoroso ou palpável, tanto o comportamento quanto o funcionamento dos discursos – destrinchados na próxima seção.

Desse modo, por ser tratar de dados utilizados em duas seções, torna-se necessário destacar ao leitor a inevitabilidade de fazer um recorte na seleção do *corpus* para análise, ou seja, implica dizer que determinadas informações apresentadas nesse quadro, com o objetivo de apontar as práticas sociais, serão retomadas na análise das práticas discursivas.

Dadas as devidas ênfases, a título de exemplo, a publicação alusiva ao tema **Política**, referente ao período de **a) 30 de agosto de 2018**, conseguiu notoriedade se comparada as demais publicações, visto que, apresentou 1,2 mil comentários. A postagem em questão é esta apresentada logo abaixo.

**Figura 4:** Publicação da página sobre o tema Política.



Fonte: Feminismo Marxista, Facebook - 2018.

Para entender o motivo pelo qual essa postagem obteve expressiva repercussão na **Feminismo Marxista** é apropriado retornar ao seu contexto histórico de origem, bem como às questões sociais com as quais está envolvida. De início, o ano era 2018 em um Brasil marcado pela fervorosa corrida eleitoral nos espaços sociais off-line e online<sup>31</sup> para ocupação de diversos cargos políticos, entre eles, Presidente da República.

O uso de redes sociais<sup>32</sup>, sem dúvida, estimulou a já crescente polarização política perceptível no país, além disso, intensificou os conflitos de grupos sociais da extrema

<sup>31</sup> A utilização de redes sociais, não de hoje, tem uma importante posição enquanto ferramenta de apoio político em questões sociais, como focaliza Machado e Miskolci (2019), no artigo “Das jornadas de junho à cruzada moral: o papel das redes sociais na polarização política brasileira.” Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sant/a/q8zsjyJYW3Jf3DBFSzZJPBg/?lang=pt>>. Acesso em: 16 set 2021.

<sup>32</sup> É fato que a tempestuosidade daquele momento não se deve de forma exclusiva a utilização das redes sociais, no entanto, o seu papel em manifestações de teor político/social no Brasil tem sido de grande relevância.

direita, manifestados na figura central de Jair Bolsonaro, pois esses grupos observaram nas plataformas digitais um poderoso recurso para propagar discursos a favor de supostos “valores morais” envolvendo a família, teorias delirantes no tocante a uma suposta ameaça comunista, liberação de porte de armas para a população se proteger da violência, entre outras alegações.

Em contrapartida, também usufruindo das mesmas ferramentas virtuais estavam os apoiadores da esquerda, junto dos seus simpatizantes, contrariados com as ideias de Bolsonaro, temerosos com o cenário preocupante iminente que se desenhava contra os direitos conquistados a duras lutas pelos LBTQIA+, pessoas de baixa renda, negros, povos indígenas, mulheres. Porém, para este último público específico estava direcionada a postagem da **Feminismo Marxista**.

Vale salientar que por se tratar de uma página dedicada a levantar pautas de vieses emancipatórios, anticapitalista a favor de grupos sociais lançados à margem da sociedade, além de manter os seus discursos na contramão do que era propagado pelo candidato Bolsonaro, tais feministas, ao visualizar o apoio de outras mulheres ao político, demonstraram forte incompreensão diante do comportamento inexplicável das apreciadoras do candidato de extrema direita.

No exemplo acima, ainda é possível perceber que o discurso da página circula por duas práticas sociais, sendo elas de orientação política e ideológica<sup>33</sup>. A respeito disso, é válido retomar à compreensão de Fairclough (2019, p. 98) em relação a essas duas orientações

o discurso como prática política estabelece, mantém e transforma as relações de poder e as entidades coletivas (classes, blocos, comunidades, grupos) entre as quais existem relações de poder. O discurso como prática ideológica constitui, naturaliza, mantém e transforma os significados do mundo de posições diversas nas relações de poder.

Por assim dizer, a publicação da página **Feminismo Marxista** tem orientação política não apenas porque o contexto daquele momento era as eleições, mas em virtude da existência de discursos que tentavam manter relações de poder e outros que buscavam estabelecer novas políticas em torno dessas relações. Por outro lado, é ideológica em

---

<sup>33</sup> As duas orientações “não são independentes uma da outra, pois a ideologia são os significados gerados em relações de poder como dimensão do exercício do poder e da luta pelo poder. Assim, a política é a categoria superior. Além disso, o discurso como prática política é não apenas um local de luta de poder, mas também um marco delimitador na luta de poder [...]” (FAIRCLOUGH, 2019, p. 98-99).

razão da luta entre ideais contrastantes no entorno da tentativa de naturalizar ou transformar assimetrias sociais.

O discurso adotado pelas administradoras da página em face da convulsão social, das questões por elas tocadas e o posicionamento frente à polarização política, evidenciam a concepção de Fairclough (2019, p. 127) a respeito da hegemonia pois esta

é um foco constante de luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas.

É primordial destacar a constante luta hegemônica difundida nos discursos da **Feminismo Marxista** não apenas na postagem acima (figura 1), mas também nas demais publicações que, em determinados momentos, têm a pretensão de construir ou manter alianças e que objetiva romper ou desafiar relações de subordinação. Desse modo, a luta ocorre sem restrição temática e percorre profundas direções, contrárias ao senso comum machista disseminado.

Dessa maneira, como parte de sua própria agenda a **Feminismo Marxista** levanta múltiplas discussões em suas postagens, as quais ao serem verificadas fica perceptível que “a luta hegemônica se localiza em uma frente ampla, que inclui as instituições da sociedade civil (educação, sindicatos, família), com possível desigualdade entre diferentes níveis e domínios” (FAIRCLOUGH, 2019, p. 127-128). Dito isso, com o propósito de melhor vislumbrar as práticas sociais nas quais os discursos estão inseridos e para quais lutas hegemônicas a página direciona os seus seguidores, foi elaborado o Quadro 6.

**Quadro 6:** As suas práticas sociais.

Tema	Prática Social (orientação)
<b>Questão social</b> a) 1º de maio de 2019	Econômica
<b>Abordagens relacionadas ao comunismo e marxismo</b> b) 23 de março de 2019	Política/Ideológica
<b>Política</b> c) 30 de agosto de 2018	Política / Ideológica
<b>História de mulheres marcantes</b> d) 9 de novembro de 2018	Política / Ideológica
<b>Violência</b> e) 3 de outubro de 2018	Cultural

Fonte: Elaborado pela autora.

As publicações da página focalizam a exploração de determinadas pautas de uma determinada prática social. No exemplo da postagem voltada ao tema **Política**, a) **30 de agosto de 2018**, percebe-se a crítica dirigida a um grupo específico dentro de uma prática social política e ideológica. Da mesma forma, ao examinarmos as demais postagens também constatamos outras práticas sociais, como no tema **Violência**, a) **3 de outubro de 2018**, no qual é divulgado que o conhecido jogador de futebol, Cristiano Ronaldo, assumiu para os seus advogados ter violado o corpo de uma mulher.

**Figura 5:** Reportagem sobre violência sexual de Cristiano Ronaldo.



Fonte: Feminismo Marxista, Facebook – 2018.

Nessa temática, os discursos da **Feminismo Marxista** percorrem a orientação cultural, tanto no sentido da omissão quanto da relativização e banalização da violência sexual sofrida pelas mulheres, especialmente se praticada por indivíduos detentores de poder, como no caso do homem em questão.

Assim, os discursos propalados pela página feminista além de revelarem a quais práticas sociais as publicações estão relacionadas, apontam para a existência de lutas hegemônicas em variados setores da vida social pública e privada ao suscitar visibilidade

a assuntos em que existem sujeitos atuando na manutenção de opressões, desigualdades e violências contra pessoas em situação de inferioridade. À medida que esses assuntos passam a ser abordados e que as relações assimétricas – em termos de relação de poder – conseguem ter notoriedade por parte dos atores sociais subalternizados, existe então a expectativa do acionamento de mudanças sociais.

É dessa maneira que ocorre o ativismo feminista marxista da página em termos da prática social enquanto uma dimensão do evento discursivo (FAIRCLOUGH, 2019). Sendo assim, os comportamentos das ativistas em prol da equidade social entre os sujeitos se alinham com o objetivo de causar transformações sociais por meio de problemáticas, reflexões, do compartilhamento de histórias, para assim alcançar os indivíduos minorizados, na tentativa de fazê-los conscientes das estruturas de poder, dos interesses particulares que os mantém em desvantagem na sociedade.

Dadas essas explicações, após finalizada a análise do comportamento da página em suas práticas sociais, na seção a seguir os focos serão as práticas discursivas, sem, no entanto, abandonar as práticas sociais e os textos – porquanto, ambos são mediados pela primeira – para prosseguir na utilização da concepção tridimensional do discurso de Fairclough, agora com o intuito de dissertar sobre o funcionamento dos discursos da página.

#### 4.3 Práticas discursivas: detalhando o funcionamento dos discursos

Os primeiros pontos de interesse que possibilitaram assimilar as práticas discursivas da página são a produção, a distribuição e o consumo textual. Sobre o processo de produção Fairclough (2019, p. 111) afirma que “[...] os textos são produzidos de formas particulares em contextos sociais específicos [...]”, desta forma, no quadro 7 será dado destaque ao modo como a *Feminismo Marxismo* “produz” o conteúdo divulgado no Facebook.

**Quadro 7:** Do processo de produção da Feminismo Marxista.

Tema	Prática Social (orientação)	Tipo de produção
<b>Questão social</b> a) 1º de maio de 2019	Econômica	<b>Reportagem</b>
<b>Abordagens relacionadas ao comunismo e marxismo</b> b) 23 de março de 2019	Política / Ideológica	<b>Fonte desconhecida*<sup>34</sup></b>

<sup>34</sup> As administradoras da página não disponibilizaram a autoria da imagem, porém, a legenda é da *Feminismo Marxista*.

<b>Política</b> c) 30 de agosto de 2018	Política / Ideológica	<b>Produção autoral</b>
<b>História de mulheres marcantes</b> d) 9 de novembro de 2018	Política / Ideológica	<b>Reportagem</b>
<b>Violência</b> e) 3 de outubro de 2018	Cultural	<b>Reportagem</b>

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao analisar o Quadro 7 fica notável, a princípio, o fato de que a maioria das publicações são reportagens produzidas por veículos de notícias que podem ter rotinas de produção complexas, como também coletivas, antes de chegar ao destinatário final ou consumidor, evidenciando assim o interesse em discursos não somente produzidos pelas próprias feministas dentro do seu âmbito particular.

As duas outras postagens – a **Abordagens relacionadas ao comunismo e marxismo**, de fonte desconhecida e a **Política**, de autoria das administradoras da página – são produções distintas, sendo uma autoral, desenvolvida de modo talvez individual, enquanto a imagem em si não possui qualquer referência a sua fonte de criação – portanto, o seu processo de elaboração é desconhecido – apesar do pequeno texto acima da imagem ser de autoria da administração da página.

O processo de produção textual varia de conteúdos autorais a discursos de outros agentes lotados em diferentes ambientes de construção discursiva, todavia são compartilhados em sua página com descrições repletas de crenças, valores, ordens de discursos no entorno de lutas hegemônicas no interior de práticas sociais veiculadas a sua agenda feminista marxista. Os compartilhamentos, como no caso das reportagens, por sua vez, remontam ao processo de distribuição.

Acerca do processo de distribuição não há como inferir se a **Feminismo Marxista** visitou os sites de notícias e, posteriormente, difundiu as reportagens em sua página, ou apenas divulgou por intermédio de terceiros, mas sem veicular a eles<sup>35</sup> a publicação original. O que de fato pode ser mensurado a respeito de todos os dados contidos no quadro 7 está relacionado com o alcance de suas publicações graças às reações,

<sup>35</sup> Antes de compartilhar um link externo ao Facebook, são disponibilizadas as seguintes opções: “Você pode personalizar a publicação (por exemplo, adicionar uma descrição) antes de compartilhar o conteúdo. Se a publicação tiver um link, você poderá compartilhar o próprio link ou clicar ao lado de **Incluir publicação original** para manter o texto da publicação original no Feed de Notícias.” (FACEBOOK, 2021).

comentários e aos compartilhamentos, ora promovidos pela página, ora pelos usuários do Facebook.

A distribuição dos discursos em muitos casos ultrapassa os limites de uma rede social<sup>36</sup>, adentrando em outros domínios, dado que as postagens publicadas no Facebook podem ser amplamente compartilhadas no Instagram, Whatsapp, entre outras plataformas da internet. O compartilhamento de conteúdo, portanto, é uma forma de distribuição tanto quanto consumo de discursos porque o compartilhamento está relacionado aos interesses de quem consome e propaga as informações que lhes convém.

Como o fator do engajamento está associado às inclinações dos usuários na plataforma, o Facebook utiliza algoritmos<sup>37</sup> no intuito de manter os internautas mais tempo na rede social consumindo determinados conteúdos. A relação entre a distribuição e o consumo está concatenada com os tópicos de interesse dos usuários, visto que os sujeitos vão consumir, em seguida, eles poderão disseminar para um grupo maior de pessoas as publicações de sua preferência, tornando assim a distribuição e o consumo coletivos.

Estas presunções indicam as propensões da **Feminismo Marxista** nas suas práticas discursivas de divulgar assuntos propagados por veículos de notícias, do mesmo modo, publicações desenvolvidas pelas ativistas feministas – sejam as administradoras da página ou outras. Ademais, é possível constatar a interação assim como o interesse dos usuários por tais discursos, a fim de ressaltar o fato de que entre inúmeras informações transmitidas pelas administradoras da página, estas em especial, obtiveram mais repercussões.

Já expostos os processos de produção, distribuição e consumo textual das publicações da **Feminismo Marxista**, em seguida serão indicados os contextos nos quais os discursos dessas ativistas estão introduzidos. Para tanto, Fairclough (2019, p. 117) argumenta que

apontar o contexto de situação em termos do mapa mental fornece dois grupos de informações relevantes para determinar como o contexto afeta a interpretação do texto em qualquer caso particular: uma leitura da situação que ressalta certos elementos, diminuindo a importância dos outros, relacionando os elementos entre si de determinada maneira, e uma especificação dos tipos de discurso que provavelmente serão relevantes.

<sup>36</sup> Na internet é comum que determinados conteúdos extrapolem os limites de alcance de uma rede social de modo que sejam compartilhados em outras plataformas, gerando novos engajamentos.

<sup>37</sup> “Os algoritmos do Facebook privilegiam as interações mais frequentes de um usuário. Essa é chave para muitas empresas de notícias ganhar um seguidor ou curtidor fiel de suas publicações. Quanto mais um usuário curtir as publicações de uma determinada página, mais ele a verá em seu *feed*.” (MARTINI; COSTA, 2019, p. 156-157).

O contexto é essencial no processo de análise porque oferece vestígios acerca de determinadas escolhas e posições tomadas pelas feministas da página. Nesta circunstância, como já conhecidas as práticas sociais, vejamos quais contextos acompanham os discursos da **Feminismo Marxista**.

**Quadro 8:** Contexto das publicações<sup>38</sup>.

<b>Contexto das publicações/práticas discursivas</b>
<p><b>Questão social</b>            a) Exploração sexual de adolescentes.            “A adolescente P. C. tem 16 anos e iniciou na prostituição aos 10. Ela diz faturar R\$150.00 por semana pelos programas.”</p>
<p><b>Abordagens relacionadas ao comunismo e marxismo</b>            b) Imagem de uma jovem pintando o símbolo do comunismo.            “Mulher pintando o símbolo do comunismo em um muro na Índia, onde as eleições parlamentares irão ocorrer, no dia 11 de abril. Esta linda imagem traz um simbolismo fantástico.”<sup>39</sup></p>
<p><b>Política</b>            c) Crítica ao apoio de mulheres a Jair Bolsonaro            “Não dá para entender...”</p>
<p><b>História de mulheres marcantes</b>            d) História da intérprete da Bruxa do 71 quando ela foi guerrilheira contra a ditadura da Espanha.</p>
<p><b>Violência</b>            e) O jogador de futebol Cristiano Ronaldo assumiu o estupro contra uma mulher aos seus advogados.            “A vítima disse ‘não’ e ‘para’ mas ele ainda assim a forçou a fazer sexo anal. E ele se desculpa dizendo que geralmente é um cavalheiro. Mas nem todo homem, né.”</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Por intermédio dos contextos acima é viável dar notoriedade a alguns aspectos das práticas discursivas da página. O primeiro deles é, por exemplo, a publicação do tema **Questão social**, de **1º de maio de 2019**, presente na prática social econômica, em que a prática discursiva evidencia a representação de um discurso com escolhas textuais no quesito vocabulário, também os significados de algumas palavras, o contexto e a pressuposição.

<sup>38</sup> Os textos estão apresentados exatamente como na publicação original.

**Figura 6:** Questão social.



Fonte: Feminismo Marxista, 2019 – Facebook.

Graças à representação discursiva direta<sup>40</sup> feita na publicação acima, o contexto do discurso disponibiliza pistas da sua presença em uma abordagem a respeito da exploração sexual de adolescentes. Isso se deve ao recorte que as feministas fizeram no texto antes de compartilhá-lo para os usuários da rede social. Alguns destaques chamam atenção na escolha do trecho desta reportagem. Um deles é a significação das palavras escolhidas pelos jornalistas produtores do texto e, em seguida, destacado pela página, que são: “adolescentes” e “prostituição”, na primeira oração. A outra diz respeito as duas identidades – na verdade são três, mas, eu vou me ater apenas a duas específicas – contrastantes de sujeito que foram atribuídas e colocadas lado a lado para evidenciar uma complexa problemática social.

Para Moita-Lopes (2003, p. 20) a identidade

<sup>40</sup> Conforme Fairclough (2019, p. 160), “[...] pretende, pelo menos, reproduzir as palavras exatas usadas no discurso representado [...]”.

[...] é um construto de natureza social – portanto, político –, isto é, identidade social, compreendida como construída em práticas discursivas, e que não tem nada a ver com uma visão de identidade como parte da natureza da pessoa, ou seja, identidade pessoal, nem com sua essência nem com um si – mesmo unitário [...].

A identidade “adolescente”, construída na prática discursiva em análise, remete ao que conforme o dicionário Michaelis online (2021, s/p) destaca “é o ser humano no período da infância; menino ou menina.” Já de maneira mais detalhada o Art. 2º do Estatuto da Criança e do Adolescente – Eca<sup>41</sup> ([1990] 2021, p. 13) destaca que

considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade. Parágrafo único. Nos casos expressos em lei, aplica-se excepcionalmente este Estatuto às pessoas entre dezoito e vinte e um anos de idade.

Nesta primeira ordem de discurso<sup>42</sup> – de política pública em vigor na nossa sociedade – existe a delimitação etária direcionada as pessoas consideradas crianças e/ou adolescentes, sendo esta última “[...] uma pessoa jovem que está entre a puberdade e a maturidade” (MICHAELIS, 2021, s./p.). Logo, “P. C.” se encaixa no parâmetro anterior, adolescente, devido à idade apresentada no momento da reportagem, “16 anos”.

Além de “P.C.” estar situada na prostituição – segunda palavra focalizada na significação de palavras – em pleno período da adolescência, outra grave informação é agregada ao discurso: a entrevistada iniciou nesse âmbito “aos 10”, ou seja, em sua infância. A prostituição, no primeiro significado potencial<sup>43</sup> representado no dicionário Michaelis (2021, s./p.) é o “ato ou efeito de prostituir ou prostituir-se”, já no segundo é a “atividade, envolvendo homens e mulheres, que consiste em manter relações sexuais com um número indeterminado de indivíduos [de maneira habitual], em troca de pagamentos” (MICHAELIS, 2021, s./p.).

Dadas às afirmações referentes aos significados das palavras “adolescente” e “prostituição”, o texto da publicação **Questão social** destaca a remuneração de “R\$150.00 por semana” obtida pela menina, o que se configura como abuso e exploração

<sup>41</sup> Este estatuto visa dar proteção à criança e ao adolescente de modo que tenham os seus direitos assegurados em lei.

<sup>42</sup> “Pode-se considerar uma ordem do discurso como a faceta discursiva do equilíbrio contraditório e instável que constitui uma hegemonia, e a articulação e rearticulação de ordens do discurso são, consequentemente, um marco delimitador na luta hegemônica.” (Fairclough, 2019, p. 129)

<sup>43</sup> Fairclough (2019, p. 239) utiliza este termo para “a gama de significados convencionalmente associados com a palavra, que um dicionário tentará representar.”

sexual<sup>44</sup>, divergindo assim de outra ordem de discurso hegemônica do ECA, que em tese, assegura em seu Art. 5º ([1990] 2021, p. 14) que “nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais.”

O texto focalizado pela **Feminismo Marxista** acentua, portanto, a omissão ou a negligência do Estado, bem como da sociedade em geral, no que diz respeito à situação na qual “P. C.” se desenvolveu enquanto ser humano até aquele momento. É pressuposto em sua prática discursiva – até mesmo no senso comum – que o indivíduo, principalmente na fase da infância até a sua adolescência, deveria ter a sua inocência resguardada, o seu bem-estar preservado, assim como o seu desenvolvimento pessoal garantido no ambiente escolar e familiar<sup>45</sup> seguro, ao contrário da prostituição, descaso e violência as quais “P. C.” é sujeitada.

É perceptível no discurso da **Feminismo Marxista** a luta hegemônica ao redor de uma prática social repleta de problemáticas muitas vezes ignoradas pela sociedade sobre o abuso e a exploração sexual de sujeitos menores de idade, neste caso, uma menina. No discurso é realçado a violação dos direitos básicos de uma pessoa lançada à margem da sociedade, em que vigora no texto a apelação, por intermédio da utilização da pressuposição e de vocabulários, carregados de fortes significados sociais, voltados para a visibilidade de fatos que não deveriam acontecer.

O ato de trazer aos olhares dos usuários da rede social um discurso como o da “**Questão Social**” trata-se de luta hegemônica porque se direciona na contramão de ordens de discurso em vigor ao mostrar ocorrências contrárias ao que elas preveem, seja em leis ou de ideais estabelecidos como moralmente aceitáveis. As palavras “adolescente” e “prostituição” ficam encarregadas de deixar as marcas da oposição de sentidos não apenas analisadas de modo isolado, mas a partir de todo o contexto no qual elas estão inseridas.

---

<sup>44</sup>LEI Nº 12.015, DE 7 DE AGOSTO DE 2009, Art. 228. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/l12015.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12015.htm)>. Acesso em: 17 nov. 2021.

<sup>45</sup> Mesmo o seio familiar nem sempre um ambiente saudável: <<https://claudia.abril.com.br/familia/violencia-infantil-pandemia-nao-bata-eduque/>>. Acesso em: 18 nov. 2021. Mais de 6 mil denúncias de abuso sexual contra crianças foram registradas de janeiro a maio de 2021. Disponível em: <<https://www.extraclasse.org.br/geral/2021/05/mais-de-6-mil-denuncias-de-abuso-sexual-contras-criancas-foram-registradas-de-janeiro-a-maio-deste-ano/>>. Acesso em: 18 nov. 2021.

O contexto da exploração sexual de “P. C.” não fica limitado apenas ao ato da prostituição em si, ao contrário, traz ao usuário da página resquícios da vida particular da menina, tais como: a perda da infância, a situação marginalizada na qual se encontra, a rotina de trabalho, a vulnerabilidade, a falta de assistência familiar e, por fim, a invisibilidade perante o poder público que deveria ser o responsável por protegê-la, mesmo se a sua família ou terceiros falhassem nesse quesito.

Em outra postagem, mas agora com a temática **Abordagens relacionadas ao comunismo e marxismo**, de **23 de março de 2019**, na prática social política ideológica, as feministas marxistas administradoras da página apresentam uma imagem – por sinal, carregada de muita representatividade para as ativistas desta vertente, dado os simbolismos manifestados na foto – na qual uma jovem, supostamente de nacionalidade indiana, pinta os símbolos vinculados ao comunismo em um muro no seu país de origem, no contexto político ideológico. Veja a imagem a seguir.

**Figura 7:** Abordagens relacionadas ao comunismo e marxismo.



Fonte: Feminismo Marxista, Facebook – 2019.

No discurso da página, tanto no seu texto quanto na imagem, prevalecem certos elementos ligados de modo coerente a proposição da página nos seus fins feministas marxistas, “pois, para que os textos façam sentido, os intérpretes têm de achar modos de combinar os diversos elementos do texto em um todo coerente, embora não necessariamente unitário, determinado ou não ambivalente” (FAIRCLOUGH, 2019, p. 177).

Há, na imagem, a pressuposição que os frequentadores da página relacionem a foice e o martelo ao comunismo, uma vez que as ferramentas são símbolos característicos desse movimento político-ideológico, sendo comumente estampado na sua bandeira com o intuito de representar a união dos trabalhadores industriais e camponeses. Outro aspecto relevante na imagem é a atitude da mulher em si, em razão de todas as opressões, em seus mais variados níveis, direcionadas às indianas.

Ao atribuir no texto, de maneira normativa “Esta linda imagem traz um simbolismo fantástico”, atrelada ao contexto das eleições na Índia – a segunda maior nação do mundo em termos populacionais –, em seu exercício democrático, podem ser estabelecidas as seguintes proposições pressupostas no discurso propagado pela agenda feminista marxista: o anticapitalismo, a busca por igualdade de gênero, e a luta hegemônica e política entre grupos minorizados contra os seus opressores, marcada pela posição tomada pela jovem, dada toda a complexa estrutura social do país.

É desse modo, portanto, que os elementos, ou seja, a imagem e o texto, mais o contexto, são ligados coerentemente com as pautas feministas marxistas no sentido de apelação às simbologias, significados e sentidos trazidos pela representação da moça pintando a foice e o martelo em uma nação marcada pelas desigualdades sociais, violências, entre outros aspectos.

O contexto da página em si, nesse caso, é significativo porque caso fosse publicado ou compartilhado em outro ambiente talvez não mantivesse o sentido abordado acima, no entanto, ao ter sido divulgado em uma página explicitamente feminista marxista, é mais “fácil” levantar estas interpretações, assim como será possível verificar na próxima publicação. De antemão, é imprescindível ressaltar que na análise do dado abaixo não mais estarei debruçada apenas à prática social a qual o discurso da página pertence, mas também às práticas discursivas, outrossim, ao texto da **Feminismo Marxista**, e ao recurso utilizado pelas administradoras na publicação.

A publicação Política 30 de agosto de 2018, da prática social política ideológica, como já observada na seção 5.2, tem a sua prática discursiva contextualizada no período de campanha eleitoral para a Presidência da República e outros cargos no ano de 2018. Esse momento é marcado pela dicotomia ideológica-política entre a extrema direita e a esquerda, além da efervescência popular marcada pelo constante embate discursivo dentro e fora das redes sociais, que extrapolou as barreiras geográficas e sociais.

Vejamos o print de tela da publicação citada acima – já apresentada na seção anterior.

**Figura 4:** Publicação da página sobre o tema Política.



Fonte: Feminismo Marxista, Facebook - 2018.

Do ponto de vista da ADC a oração “não da para entender” reflete uma negação – recurso adotado pelas feministas –, que corrobora com o texto apresentado na imagem compartilhada que questiona o apoio de algumas mulheres ao Bolsonaro.

O discurso de contestação contra o posicionamento adotado pelas simpatizantes de Bolsonaro “Do crente ao ateu, ninguém explica a mulher que apóia Bolsonaro”, indica uma relação contrariedade entre a Página e as pró-bolsonaristas, muito bem marcada no texto. A polêmica, já que para Fairclough (2019, p. 163) “as frases negativas são frequentemente usadas com finalidades polêmicas”, ocorre, por assim dizer, em virtude de a **Feminismo Marxista** não considerar justificável a aprovação ao presidencial por essa parcela da sociedade devido os valores da agenda feminista das administradoras da página em discordância com os ideais seguidos pelo candidato.

A negação, nesse caso, teve relevante papel no discurso das feministas marxistas porque permitiu observar a luta entre as práticas contra hegemônicas das ativistas em divergência com as práticas das apoiadoras de Bolsonaro. Seguindo essa premissa de analisar tais processos discursivos, na publicação **Histórias de Mulheres Marcantes, de 9 de novembro de 2019**<sup>46</sup>, da prática social cultural, Figura 8, foi utilizado novamente a pressuposição na análise das práticas discursivas da página.

---

<sup>46</sup> Por razões desconhecidas a imagem – tão somente a imagem – da publicação não estava disponível na página **Feminismo Marxista**.

**Figura 8:** Histórias Marcantes de Mulheres.

Fonte: Feminismo Marxista, Facebook – 2018.

Uma das administradoras compartilhou esta publicação sem qualquer discurso pessoal vinculado a si mesma. Além disso, parece tácita para o produtor (a) do texto, tanto quanto para a *Feminista Marxista*, que a pressuposição na persona identificada como “Bruxa do 71” apresentada no texto da matéria, em seguida como “guerrilheira”, relacionada à “turma do Chaves” é reconhecível para os leitores e usuários da página.

A despeito do contexto, é revelada a participação da intérprete da personagem do seriado mexicano Chaves<sup>47</sup> em uma guerrilha contra a ditadura ocorrida na Espanha. O discurso, desse modo, incorpora a ideia de proporcionar visibilidade às mulheres protagonistas nas mais difusas áreas de atuação, atrelando a tal categoria papéis de destaque, fugindo do essencialismo de que para elas é reservado tão somente o lar, os cuidados com a família, e a submissão aos homens.

Dessa maneira, enquanto a publicação anterior é concebida como uma forma de ressignificar a posição das mulheres na sociedade como agente ativo na mudança social, não cabendo mais o posto de submissão a nenhuma delas, na postagem do tema **Violência**

<sup>47</sup> Chaves é um seriado mexicano, sendo exibido no Brasil pelo canal de TV aberto SBT até 2020.

de **3 de outubro de 2018**, na prática social cultural<sup>48</sup>, o contexto, como o próprio tema aborda, é dar agora notoriedade a violência sofrida por uma vítima, caso que muito se repete com outras pessoas.

A publicação foi investida na prática social cultural em virtude da concepção “cultura do estupro” propagada por parte do movimento feminista acerca das agressões sexuais inclinadas em nossa sociedade contra as mulheres. Na direção dessa noção, Freitas e Moraes (2018, p. 118-119) explicam que

O uso da expressão cultura do estupro pelo movimento feminista permite abarcar em um único conceito o que neste artigo foi descrito como um conjunto de contingências e comportamentos que, em última instância, contribuem para a manutenção da violência sexual. [...] O primeiro termo desta expressão – cultura – chama atenção para o fato de uma série de práticas culturais que são vistas como naturais serem, na verdade, construídas socialmente e poderem ser modificadas. O segundo termo – estupro, por sua vez, poderia, além de indicar a gravidade dessas práticas, ser visto como uma tentativa de modificá-la.

Baseada nessa ideia, alguns desses comportamentos que contribuem para a manutenção da violência sexual contra as mulheres podem ser observados nessa postagem da **Feminismo Marxista**, a partir da abordagem do problema bem como nos tratamentos adotados pelos sujeitos na situação discursiva, como verificado na imagem a seguir.

**Figura 5:** Reportagem sobre violência sexual de Cristiano Ronaldo.



Fonte: Feminismo Marxista, Facebook – 2018.

Na parte inicial do discurso, em que uma das administradoras da página declara: “A vítima disse ‘não’ e ‘para’ mas ele ainda assim a forçou a fazer sexo anal. E ele se desculpa dizendo que geralmente é um cavalheiro.”, existe a indicação do que Fairclough (2019, p. 159) chama de intertextualidade mista, “em que textos ou tipos de discurso estão fundidos de forma mais complexa e menos facilmente separável”. Isso ocorre porque em certos momentos os textos estão unidos de tal forma, que se torna quase inviável apontar a autoria dos trechos pertencentes ao Jornal Extra ou a **Feminismo Marxista**.

No entanto, a respeito dessa dificuldade de demarcar o que foi produzido por qual sujeito específico, ao esquadrihar com mais afinco o texto, os discursos dão vestígios de sua real intencionalidade. Por exemplo, quando a mesma administradora agrega à parte final: “Mas nem todo homem, né.”, a prática discursiva na intertextualidade passa, desse modo, a ser “sequencial”, ou seja, “em que diferentes textos ou discursos alternam-se em um texto” (FAIRCLOUGH, 2019, p. 159), em razão da clareza da quebra de um discurso em detrimento de outro devido a informalidade textual apresentada no final da frase em cima da postagem. Essa quebra de discurso, outrossim, fica assinalada em outros

momentos, indicando uma direção discursiva da **Feminismo Marxista** na contramão do Extra.

Nesse sentido, o destaque inicial no texto é dado na adoção da palavra “vítima”, utilizado pela página, que conforme o dicionário Michaelis (2021, s./p.), significa “pessoa ferida, executada, torturada ou violentada”, distinto ao empregado pela imprensa, isto é, o termo “mulher”. Não apenas neste momento específico, mas no decorrer do texto, a prática discursiva da **Feminismo Marxista** expressa um discurso incisivo ao episódio a partir de uma tomada de posição na qual coloca a mulher do ocorrido em uma posição de vulnerabilidade, enquanto a do sujeito “CR7”, é a de causador da violência contra a moça vitimada em questão.

Esta presunção de vulnerabilidade da jovem diante de um caso de violência se deve aos detalhes expostos de modo explícito pela **Feminismo Marxista**, em um suposto contexto de agressão sexual, abordado de forma despretensiosa no título da notícia. O “não” e “para” estão agora no contexto do “sexo anal” que “ele ainda assim a forçou a fazer”, embora, “geralmente” o sujeito – CR7 – se autointitule “um cavalheiro”. Isso assevera o pensamento de Fairclough (2019, p. 118), no qual “existe a possibilidade não apenas de luta quanto a diferentes leituras dos textos, mas também de resistência às posições estabelecidas neles.”

A luta hegemônica entra em questão dado o fato de a página ter utilizado o discurso do acusado pela vítima contra ele mesmo em torno de uma grave denúncia, que em inúmeros casos é ignorada, escarnecida, até ridicularizada, precipuamente se proferida em desfavor de um homem dotado de muito prestígio, como no caso do sujeito abordado, visto que aos olhos da sociedade é pouco provável um indivíduo na condição dele possa ser capaz de cometer esta atrocidade. Por este motivo, em seu último recurso a **Feminismo Marxista** apela para o uso da ironia.

Fairclough (2019, p. 165) corrobora “que a ironia depende de os intérpretes serem capazes de reconhecer que o significado de um texto ecoado não é o significado do produtor do texto”. Ao se valer do “Mas nem todo homem, né.”, a feminista recorreu a uma frase em tom de ironia, comumente utilizada por homens para contestar “generalizações” a respeito de comportamentos machistas, misóginos e opressores cometidos contra as mulheres, tirando de si a responsabilidade por violências – o

“geralmente é um cavalheiro” é uma amostra disso –, desde as mais graves explícitas, até as chamadas “violências simbólicas”<sup>49</sup>.

Em síntese, o que pode ser observado nessas cinco publicações da *Feminista Marxista* é a constante luta hegemônica ao redor de práticas sociais diversas, além da luta ideológica “como dimensão da prática discursiva, uma luta para remoldar as práticas discursivas e as ideologias nelas construídas no contexto da reestruturação ou da transformação das estruturas de dominação” (FAIRCLOUGH, 2019, p. 122).

Nas publicações dessas ativistas, prevalece a oposição feminista marxista a práticas discursivas hegemônicas e ideológicas que exploram a força de trabalho feminina através de serviços degradantes (**Questão social, 1º de junho de 2018**); sugerem no comunismo (**Abordagens relacionadas ao comunismo e marxismo, 03 de janeiro de 2019**) novas estruturas sociais, políticas e econômicas; questionam a cooperação de parte de pessoas de seu gênero a discursos extremistas (**Política, 30 de agosto de 2018**); quebram paradigmas ao destacar o protagonismo de suas semelhantes na sociedade (**História de mulheres marcantes, 09 de 2018**), e questionam a violência banalizada sofrida por outras mulheres (**Violência, 03 de outubro de 2018**).

Nesse sentido, entra em questão a coerência, em que os

princípios interpretativos particulares associam-se de maneira naturalizada a tipos de discurso particulares [...]. Isto é, os textos estabelecem posições para os sujeitos intérpretes que são ‘capazes’ de compreendê-los e ‘capazes’ de fazer as conexões e as inferências, de acordo com os princípios interpretativos relevantes, necessários para gerar leituras coerentes. Tais conexões e inferências podem apoiar-se em pressupostos de tipo ideológico.” (FAIRCLOUGH, 2019, p. 118).

Os discursos das ativistas nas postagens, portanto, estão conectados com a agenda feminista marxista, visto que as conexões estabelecidas nas práticas sociais, nas práticas discursivas e nos textos abordados na página estão de acordo com os princípios acordados na sua vertente. Esta oposição a práticas discursivas e ordens de discursos hegemônicas pode ser explicada de acordo com Fairclough (2019, p. 126)

os sujeitos são posicionados ideologicamente, mas são também capazes de agir criativamente no sentido de realizar suas próprias conexões entre as diversas práticas e ideologias a que são expostos e de reestruturar as práticas e as estruturas posicionadoras. O equilíbrio entre o sujeito ‘ideológico’ e o sujeito agente ativo é uma variável que depende das condições sociais, tal como a estabilidade relativa das relações de dominação.

---

<sup>49</sup> Para Bourdieu (1997, p. 22) “A violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que as sofrem e também, com a frequência, dos que a exercem, na medida em que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou de sofrê-la.”

Desse modo, ao analisar as práticas sociais da **Feminismo Marxista**, com o auxílio da Análise de Discurso Crítica, de Fairclough (2019), foi possível perceber as contribuições – que transcende a rede social Facebook e chega à sociedade – das ativistas em práticas sociais, que ao utilizarem a página enquanto veículo de difusão dos ideais feministas marxistas, buscam mudanças sociais ao desafiar, do mesmo modo, transformar, as relações entre os sujeitos no interior dos discursos compartilhados no Facebook ou fora dele.

Essa posição ativa das feministas marxistas corrobora com a ideia de que “quanto mais esclarecidos forem os cidadãos, mais perceberão quando estão sendo controlados e mais resistentes se tornarão aos processos de dominação” (VIERA; MACEDO, 2018, p. 50). E isso ocorre através das práticas discursivas empregues na reestruturação das relações de poder, de modo a contestar as ordens de discursos existentes que atuam na manutenção de violências, de relações assimétricas entre os gêneros, de subalternização, opressão e dominação das mulheres, muitas vezes expressas em textos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por intermédio dos objetivos dessa pesquisa, - sendo o mais geral, analisar a luz da Análise de Discurso Crítica os discursos apresentados pela página **Feminismo Marxista** a partir na rede social Facebook – atrelados as questões de pesquisa eu pude chegar a algumas respostas. Por exemplo, com o objetivo específico **i) discutir, a configuração do ativismo feminista presente nos discursos propagados na página**, relacionado com a questão de pesquisa **a) Como ocorre o ativismo feminista marxista na página Feminismo Marxista?**, eu consegui abordar o modo como o ativismo feminista se configura na página, isto é, por meio da criação de postagens ou quando estas são oriundas de terceiros, e que o compartilhamento é uma forma de distribuição de conteúdo e também consumo tanto da página quanto dos seus seguidores e não seguidores, mas que de alguma forma possuem interesses em seus conteúdos.

Da mesma forma, foi possível com a análise do objetivo específico **ii) destacar as possíveis contribuições dos discursos analisados página Feminismo Marxista em lutas pelas mulheres no que diz respeito ao conhecimento que estas devem ter acerca de sua liberdade de expressão, e ao pleno exercício da sua vida social e profissional**, junto a questão de pesquisa **b) Quais as contribuições das postagens das feministas marxistas em prol da luta pelo respeito a vida – social e profissional – das mulheres em nossa sociedade?**, observar contribuições no sentido de que violências ou exploração sexual de mulheres devem ser trazidas para os olhos da população, como uma forma de luta contra o silenciamento, sem que persista o olhar de naturalização desse tipo de situação, há também a importância de se contrapor a discursos políticos hegemônicos opressores, de modo que as mulheres se coloquem em posições políticas e/ou sociais mais prestigiadas, para que possam fazer valer a sua cidadania.

Para além desses aspectos, é imprescindível ressaltar que as práticas sociais em suas diversas orientações, as práticas discursivas e os textos estiveram dentro do escopo dessas análises, e que sem o olhar atento para esses processos, seria difícil compreender a profundidade dos discursos propalados na **Feminismo Marxista**. Destaco esse ponto porque é o discurso, dentro dessas práticas que nos revelam como os sujeitos constroem, modificam, o mundo social ao seu redor e toda a sua estrutura.

Em linhas gerais, por meio da análise dos dados foi possível revelar que a página, na rede social Facebook, intitulada **Feminismo Marxista** direcionada ao ativismo feminista, dissemina nesse ambiente virtual uma gama de discursos relacionados a sua

vertente que se encaminha no sentido contra hegemônico de práticas opressoras, violentas, legitimadas em outros discursos que tentam perpetuar suas estruturas de poder sobre grupos minorizados, neste caso, precipuamente mulheres.

Ao se apropriar desse potente instrumento que possibilita alcançar, assim como influenciar inúmeras pessoas, de distintas classes, credos, valores, etnias etc., a **Feminismo Marxista** propaga discursos em uma perspectiva crítica-reflexiva – de acordo com agenda do seu movimento – que contribui, portanto, para a mudança social de outras mulheres ao enfrentar mecanismos de coerção e estruturas estabelecidas em vários contextos sociais através dos discursos.

Todavia, mesmo diante de tais constatações, inclusive, de contribuições para os distintos setores da vida das mulheres, os dados também evidenciaram que apesar de ter dentro da página uma bibliografia de escritores (as) voltados para o feminismo e marxismo, existe a carência de discussões mais aprofundadas sobre os temas pertinentes a agenda feminista marxista, o que é quase inexistente na página.

É relevante ressaltar esse ponto porque o feminismo virtual, isto é, o que encontramos nas redes sociais, mesmo abordado de maneira mais superficial nesses ambientes, tem mudado a nossa sociedade de maneira significativa, visto que muitas pautas deixaram de ser intocáveis ou estão nesse processo, dado o fato que estão mais acessíveis para uma parcela da população, como observado na **Feminismo Marxista**. Assim, é impossível não vislumbrar uma sociedade melhor quando o feminismo, seja qual for a sua vertente, for discutido mais profundamente nas redes sociais e fora delas. Inclusive, é necessário novas pesquisas para compreender o impacto do feminismo encontrado nas redes sociais na vida fora do âmbito on-line, isto é, nas relações sociais do cotidiano, e mais, como isso tem afetado as relações entre as pessoas.

## REFERÊNCIAS

- ADOLESCENTE. *In*: DICIONÁRIO Michaelis brasileiro de língua brasileira. Uol, [Brasil], 2021. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=adolescente>>. Acesso em: 19 nov. 2021.
- ALAMBERT, Z. Antecedentes históricos. *In*: ALAMBERT, Z. **Feminismo: o ponto de vista marxista**. São Paulo: Nobel, 1986. p. VII-XVI.
- ALAMBERT, Z. Marx e Engels: a questão feminina como questão social. *In*: ALAMBERT, Z. **Feminismo: o ponto de vista marxista**. São Paulo: Nobel, 1986. p. 15-20.
- ALVES, B. M.; PITANGUY, J. Introdução. *In*: ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é o feminismo**. São Paulo: Abril Cultural/Brasiliense, 1985. p. 7-10.
- ÁVILA, C. Mais de 6 mil denúncias de abuso sexual contra crianças foram registradas de janeiro a maio de 2021. **Extra Classe**, Porto Alegre, 18 de maio de 2021. Disponível em: <<https://www.extraclasse.org.br/geral/2021/05/mais-de-6-mil-denuncias-de-abuso-sexual-contra-criancas-foram-registradas-de-janeiro-a-maio-deste-ano/>>. Acesso em: 18 nov. 2021.
- BEAUVOIR, S. Infância. *In*: BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1967. p. 9-65.
- BENOIT, L. O. Feminismo, gênero e revolução. **Crítica Marxista**, São Paulo, n. 11, p. 9, 2000. Disponível em: <[https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos\\_biblioteca/dossie30Dossie%203.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/dossie30Dossie%203.pdf)>. Acesso em: 09 ago. 2020.
- BITTENCOURT, N. A. Movimentos feministas. **Insurgência: Revista de Direitos e Movimentos Sociais**, Brasília, ano 1, vol. 1, n. 1, p. 2-7, jan/jun, 2015. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/insurgencia/article/view/16758>>. Acesso em 15 de out. 2018.
- BOGADO, M. Parte 1: nova geração política, rua. *In*: HOLANDA, H. B. (org.). **Explosão Feminista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 23-42.
- BORDIEU, P. Sobre a televisão seguido de A influência do jornalismo e Os jogos Olímpicos. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1997. p. 1- 143. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5658177/mod\\_resource/content/0/BOURDIEU%2C%20Pierre.%20Sobre%20a%20Televisa%CC%83o.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5658177/mod_resource/content/0/BOURDIEU%2C%20Pierre.%20Sobre%20a%20Televisa%CC%83o.pdf)>. Acesso em: 1 dez. 2021.
- BRASIL. Ministério da Justiça e Segurança Pública. Lei nº 12.015, 7 de agosto de 2009. **Dos Crimes Contra a Dignidade Sexual**. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/112015.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/112015.htm)>. Acesso em: 17 nov. 2021.
- BRASIL. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. Lei nº 8.069, 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o **Estatuto da Criança e do Adolescente** e dá outras providências. Disponível em: <[https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/julho/trinta-e-um-anos-do-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-confira-as-novas-acoes-para-fortalecer-o-eca/ECA2021\\_Digital.pdf](https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/julho/trinta-e-um-anos-do-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-confira-as-novas-acoes-para-fortalecer-o-eca/ECA2021_Digital.pdf)>. Acesso em: 12 nov. 2021.
- CAETANO, I. F. O feminismo brasileiro: uma análise a partir das três ondas do movimento feminista e a perspectiva da interseccionalidade. **Revista do Curso de Especialização em Gênero e Direito**, Rio de Janeiro, n. 1, p. 4-5, 2017. Disponível em:

<[http://www.emerj.tjrj.jus.br/revistas/genero\\_e\\_direito/edicoes/1\\_2017/pdf/DesIvoneFeireiraCaetano.pdf](http://www.emerj.tjrj.jus.br/revistas/genero_e_direito/edicoes/1_2017/pdf/DesIvoneFeireiraCaetano.pdf)>. Acesso em: 06 de out. 2018.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez Editora, 1991. p. 1 -144.

COACCI, Thiago. Encontrando o transfeminismo brasileiro: um mapeamento preliminar de uma corrente. UFMG: **História Agora – Revista de História do Tempo Presente**, 2014. Disponível em:

<[https://www.researchgate.net/publication/283498905\\_Encontrando\\_o\\_transfeminismo\\_brasileiro\\_um\\_mapeamento\\_preliminar\\_de\\_uma\\_corrente\\_em\\_ascensao](https://www.researchgate.net/publication/283498905_Encontrando_o_transfeminismo_brasileiro_um_mapeamento_preliminar_de_uma_corrente_em_ascensao)>. Acesso em: 08 ago. 2020.

COELHO, A. P. Do sujeito ao ciborgue: ciberfeminismo e teoria feminista para o século XXI narrativas de ativismo feminista em rede no Twitter. **RiUFES**, Vitória, Espírito Santo, p. 1-120, 2018. Disponível em:

<[http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFES\\_ded7072e7dbe5f281d02bc840f7fab36](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFES_ded7072e7dbe5f281d02bc840f7fab36)>.

Acesso em: 11 mai. 2019.

COMO faço para compartilhar uma publicação que vejo no meu Feed de Notícias no Facebook? **FACEBOOK**, [Brasil], 2021. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/help/163779957017799>>. Acesso em: 25 out. 2021.

CORREIA, P. M. A. R.; MOREIRA, F.R. M. Novas formas de comunicação: história do Facebook - Uma história necessariamente breve. Rio de Janeiro: **Revista Alceu**, 2014.

COSTA, C. Parte 1: nova geração política, rede. In: HOLANDA, H. B. (org.). **Explosão Feminista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 43-60.

CRIANÇA. In: DICIONÁRIO Michaelis brasileiro da língua portuguesa: criança. Uol, [Brasil], 2021. Disponível em:

<<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=Crian%C3%A7a>>. Acesso em: 19 nov. 2021.

DAVIS, A. Classe e raça no início da campanha pelos direitos das mulheres. In:

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2016. p. 58-78.

ENGELS, F. A família. In: ENGELS, F. **A origem da família, da propriedade privada e do estado**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1984. p. 28-90.

ESTACHESKI, D. L. T; MEDEIROS, T. G. A atualidade da obra de Mary Wollstonecraft. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, vol. 25, n. 1, p.

1, Jan./Abr. 2017. Disponível em:

<[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2017000100375#:~:text=Mary%20Wollstonecraft%20\(1759%2D1797\),uma%20das%20precuroras%20do%20feminismo](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2017000100375#:~:text=Mary%20Wollstonecraft%20(1759%2D1797),uma%20das%20precuroras%20do%20feminismo)>. Acesso em: 02 ago. 2020.

FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de “desaprendizagem”–

redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (Org). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2006. p. 45-63.

FACEBOOK completa 15 anos com 2,3 bilhões de usuários. **G1**, Brasil, 4 fev. 2019.

Economia Tecnologia. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2019/02/04/facebook-completa-15-anos-com-23-bilhoes-de-usuarios.ghtml>>. Acesso em: 08 ago. 2020.

FAMOSOS internacionais também aderem a movimento #EleNão contra Bolsonaro.

Universa, São Paulo, 21 set. 2018. Uol. Disponível em:

<<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/09/21/famosos-internacionais-tambem-aderem-a-movimento-elenao-contra-bolsonaro.htm>>. Acesso: 08 ago. 2020.

FAIRCLOUGH, N. **Language and power**. London, New York: Longman, 1989. p. 1-259.

- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019. p. 11-337.
- FAIRCLOUGH, N. **Analysing discourse: Textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003a. p. 1-270.
- FRANÇA, G. V. Prostituição: um enfoque político-social. *Revista Jurídica: Derecho y Cambio Social*, Peru, n. 29, a. 9, p. 1-6, 2012. Disponível em: <<https://www.derechocambiosocial.com/revista029/Prostitui%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2021.
- FREITAS, J. C. C.; MORAIS, A. O. Cultura do estupro: considerações sobre violência sexual, feminismo e análise do comportamento. **Acta Comportamentalia: Revista Latina de Análisis de Comportamiento**, México, v. 27, n. 1, p. 109-123, 2019. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/journal/2745/274560588008/274560588008.pdf>>. Acesso em: 25 out. 2021.
- HINE, C. **Etnografía virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004. p. 1-199.
- HOOKS, B. Introdução: aproxime-se do feminismo. *In: HOOKS, B. O feminismo é para todo mundo*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 2019. p. 11-16.
- KOZINETS, R. V. Culturas e comunidades online. *In: KOZINETS, R. V. Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso, 2014. p. 9-26.
- KOZINETS, R. V. O método da netnografia. *In: KOZINETS, R. V. Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso, 2014. p. 60-73.
- KOZINETS, R. V. Coleta de dados. *In: KOZINETS, R. V. Netnografia: Realizando pesquisa etnográfica online*. Porto Alegre: Penso, 2014. p. 92-112.
- LE MOS, M. G. **Ciberfeminismo: Novos discursos do feminino em redes eletrônicas**. 2009. Dissertação (Mestrado em comunicação e semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/5260#preview-link0>>. Acesso em 12 dez. 2017.
- LIMA, K. Marília Mendonça tem a live mais vista da história do Youtube. **Olhar Digital**, 2021, [Brasil]. Disponível em: <<https://olhardigital.com.br/2021/11/05/internet-e-redes-sociais/marilia-mendonca-tem-a-live-mais-vista-da-historia-do-youtube/>>. Acesso em: 24 jan. 2022.
- LUXEMBURGO, R. Direito de voto das mulheres e luta de classes. *In: LOUREIRO, I. (org.). Rosa Luxemburgo e o protagonismo das lutas de massa*. São Paulo: Editora UNESP, 2018. p. 101-112.
- LUXEMBURGO, R. A proletária. *In: LOUREIRO, I. (org.). Rosa Luxemburgo*. São Paulo: Editora UNESP, 2018. p. 494.
- MACHADO, J.; MISKOLCI, R. Das jornadas de junho à cruzada moral: o papel das redes sociais na polarização política brasileira. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 945-970, set./dez. 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/sant/a/q8zszyJYW3Jf3DBFSzZJPBg/?lang=pt>>. Acesso em: 16 set. 2021.
- MAGALHÃES, I; MARTINS, A. R; RESENDE, V. **Análise de discurso crítica: um método de pesquisa qualitativa**. 1. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2009. p. 15-34.
- MARTINS, A. P. A. O sujeito “nas ondas” do feminismo e o lugar do corpo na contemporaneidade. **Revista café com Sociologia**, Brasil, v. 4, n. 1, p. 2-8, Jan./Abr. 2015. Disponível em: <<https://revistacafecomsociologia.com/revista/index.php/revista/article/view/443>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

- MARX, K.; ENGELS, F. Karl Marx – contra Bruno Bauer. *In*: MARX, K.; ENGELS, F. **A Ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 25-78.
- MARX, K.; ENGELS, F. O manifesto do partido comunista. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, vol.12, n.34, p. 46, set./dez. 1998. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141998000300002](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141998000300002)>. Acesso em: 09 ago. 2020.
- MATTAR, J. Conceitos: WEB 2.0 & redes sociais. *In*: MATTAR, J. **Web 2.0 e redes sociais na educação**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2013. p. 17-29.
- MATTAR, J. Ferramentas, plataformas e interfaces. *In*: MATTAR, J. **WEB 2.0 e redes sociais na educação**. São Paulo: Artesanato Educacional, 2013. p. 73-140.
- MARTINI, M. R.; COSTA, J. N. Algoritmos no Facebook: como entendê-los e considerá-los na produção de notícias. **Revista Alterjor**, São Paulo, v. 2, a. 10, 20. ed. p. 148-161, 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/157853>>. Acesso em: 28 out. 2021.
- MELO, I. F. Histórico de análise de discurso crítica. *In*: BATISTA JR, J. R. L; SATO, D. T. B; MELO, I. F. (Org.). **Análise de discurso crítica: para linguistas e não linguistas**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018. p. 21-35.
- MILLER, D; SLATER, D. **The internet**. An ethnographic approach, 1. ed. Oxford: Berg, 2001. p. 1-17. Disponível em: <<http://www.dourish.com/classes/ics235aw05/readings/MillerSlater-InternetChapter1.pdf>>. Acesso em: 24 mai. 2021.
- MOITA-LOPES, L. P. Uma linguística aplicada mestiça e ideológica: interrogando o campo como linguista aplicado. *In*: MOITA-LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. P. 13-42.
- MOITA LOPES, L. P. **Pesquisa interpretativista em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução**. DELTA, v. 10, n. 2, p. 329-338, 1994. Disponível em: <[https://kupdf.net/download/moita-lobes-pesquisa-interpretativista-em-la-1994\\_5904feb9dc0d604c65959e9c\\_pdf](https://kupdf.net/download/moita-lobes-pesquisa-interpretativista-em-la-1994_5904feb9dc0d604c65959e9c_pdf)>. Acesso em: 25 fev. 2019.
- MOITA LOPES, L. P. Introdução: Socioconstrucionismo: discurso e identidades sociais. *In*: MOITA LOPES, L. P. (org.). **Discursos de Identidades: Discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas, São Paulo. Mercado das Letras, 2003. p. 13-37.
- MORGADO, L. S. A marca netflix - estudo de caso. *In*: MORGADO, L. S **Brand love e engajamento no contexto das redes sociais: um estudo da marca Netflix**. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2019. p. 18-28. Disponível em: <[https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/7752/4/DM\\_Laila%20Silva%20Morgado.pdf](https://bdigital.ufp.pt/bitstream/10284/7752/4/DM_Laila%20Silva%20Morgado.pdf)>. Acesso em: 03 mai. 2021.
- MOURA, P. O poder do engajamento através da promoção nas plataformas sociais. *In*: CHAMUSCA, M. CARVALHAL, M. (Org.). **Comunicação e marketing digitais: conceitos, práticas, métricas e inovações**. Salvador. Edições VNI, 2011. p. 16-44.
- PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. *In*: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo. Parábola, 2006. p. 67-83.
- PEREIRA, D.V.; CÔURA, F. N.; ARAÚJO, N. E. S. Feminismos: luta pela equidade de gênero, justiça social e direito pelos corpos. **VI Seminário Cetros crise e mundo do trabalho no Brasil desafios para a classe trabalhadora**, Ceará, p. 4, ago. 2018. Disponível em: <<http://redeminas.tv/wp-content/uploads/2019/05/feminismos.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2020.

- PEREZ, O. RICOLDI, A. A quarta onda do feminismo? Reflexões sobre movimentos feministas contemporâneos. **42º Encontro Anual da ANPOCS**, Minas Gerais, p. 3-8, out. 2018. Disponível em: <<http://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/42-encontro-anual-da-anpocs/gt-31/gt08-27/11177-a-quarta-onda-do-feminismo-reflexoes-sobre-movimentos-feministas-contemporaneos>>. Acesso em: 08 ago. 2020.
- PINTO, C. R. J. Feminismo, história e poder. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 16, jun. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010444782010000200003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010444782010000200003&lng=en&nrm=iso)>. acesso em: 15 out. 2018.
- POLIANOV, B. **Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos termos em pesquisas qualitativas na internet**. Manaus: Portal de revistas (UCB), 2013. p. 61-71. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/4621/3243>>. Acesso em: 25 fev. 2019.
- PROSTITUIÇÃO. *In*: DICIONÁRIO Michaelis brasileiro de língua brasileira. Uol, [Brasil], 2021. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=prostitui%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em: 19 nov. 2021.
- RECUERO, R. Aspectos do estudo das redes sociais na internet: Tipos de Redes Sociais na Internet. *In*: RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Editora Meridional, 2009. p. 94-101.
- REED, E. Mulher e família: uma análise histórica. *In*: REED, E. **Sexo contra sexo ou classe contra classe**. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008. p. 19-56.
- REED, E. O mito da inferioridade da mulher. **Sexo contra sexo ou classe contra classe**. São Paulo: Editora Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008. p. 57-102.
- RIBEIRO, D. **Quem tem medo do feminismo negro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 1-120.
- ROJO, R. H. R. **Gêneros do discurso no círculo de Bakhtin**: ferramentas para a análise transdisciplinar de enunciados em dispositivos e práticas didáticas. p. 1-15. Disponível em: <[https://www.academia.edu/1494671/G%C3%8ANEROS\\_DO\\_DISCURSO\\_NO\\_C%C3%84DRICULO\\_DE\\_BAKHTIN\\_FERRAMENTAS\\_PARA\\_A\\_ANALISE\\_TRANSDISCIPLINAR\\_DE\\_ENUNCIADOS\\_EM\\_DISPOSITIVOS\\_E\\_PR%C3%84TICAS\\_DID%C3%84TICAS?auto=download](https://www.academia.edu/1494671/G%C3%8ANEROS_DO_DISCURSO_NO_C%C3%84DRICULO_DE_BAKHTIN_FERRAMENTAS_PARA_A_ANALISE_TRANSDISCIPLINAR_DE_ENUNCIADOS_EM_DISPOSITIVOS_E_PR%C3%84TICAS_DID%C3%84TICAS?auto=download)>. Acesso em: 26 fev. 2019.
- ROSA, L. A proletária. *In*: ISABEL, L. (Org.). **Textos escolhidos**. São Paulo, UNESP, 2018. p. 493-496.
- SANTOS, E. Pandemia acentua os casos de violência contra crianças e adolescentes. **Claudia**: Abril, Família, [Brasil], 15 set. 2020. Disponível em: <<https://claudia.abril.com.br/familia/violencia-infantil-pandemia-nao-bata-eduque/>>. Acesso em: 18 nov. 2021.
- SAFFIOTI, H. Papeis sociais atribuídos às diferentes categorias de sexo. *In*: SAFFIOTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Editora Moderna, 1987. p. 8-20.
- SAFFIOTI, H. Vale a pena lutar? *In*: SAFFIOTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Editora Moderna, 1987. p. 98-10.
- SANTAELLA, L. comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: **Paulus**, p. 1-20, 2013. Disponível em: <<https://www.paulus.com.br/loja/appendix/3156.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2020.

- SILVA, J. M. As ondas do feminismo: breve digreção histórica. *In*: SILVA, J. M. **Feminismo na atualidade: a formação da quarta onda**. Pernambuco: Independently published, 2019. p. 6-22.
- SILVA, J. M. O mundo da internet: a quarta onda do feminismo. *In*: SILVA, J. M. **Feminismo na atualidade: a formação da quarta onda**. Pernambuco: Independently published, 2019. p. 23-39.
- SINGER, A. Brasil, Junho de 2013. São Paulo: **Novos Estudos CEBRAP**, p. 1-20, 2013. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002013000300003](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002013000300003)>. Acesso em: 22 set. 2020.
- SIQUEIRA, C. K. B. As três ondas do movimento feminista e suas repercussões no direito brasileiro. **XXIV Congresso Nacional Do CONPEDI - UFMG/FUMEC/DOM Helder Câmara**, Minas Gerais, p. 324-358, nov. 2015. Disponível em: <<http://conpedi.danilolr.info/publicacoes/66fsl345/w8299187/ARu8H4M8AmpZnw1Z.pdf>>. Acesso em: 06 ago. 2020.
- SOARES, S. F. Procura-se sapatão: Histórias invisibilizadas do movimento lesbofeminista brasileiro. **18 REDOR**, Pernambuco, 2014. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/726/719>>. Acesso em: 12 ago. 2020.
- SOUZA, V. C. Z. **Chega de Fiu Fiu: o papel do ciberfeminismo na construção do feminismo na era da Web 2.0**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (bacharel em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/handle/11449/126668>>. Acesso em: 11 mai. 2019.
- VIEIRA, J. A.; MACEDO, D. S. Conceitos-Chave em análise de discurso crítica. *In*: BATISTA JR, J. R. L; SATO, D. T. B; MELO, I. F. (Org.). **Análise de discurso crítica: para linguistas e não linguistas**. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2018. p. 49-77.
- VÍTIMA. *In*: DICIONÁRIO Michaelis brasileiro de língua brasileira. Uol, [Brasil], 2021. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/v%C3%ADtima/>>. Acesso em: 29 nov. 2021.
- ZETKIN, C. La batalla por el derecho de voto dara a la mujer proletaria consciencia política de clase. *In*: ZETKIN, C. **La cuestión femenina y el reformismo**. Barcelona: Editorial Anagrama, 1976. p. 42-46.
- ZETKIN, C. Lenin e o movimento feminino. **Editorial Vitória**, Rio de Janeiro, p. 7-24, 1956. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/zetkin/1920/mes/lenin.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2020.
- ZETKIN, C. Apenas junto com as mulheres proletárias o socialismo será vitorioso. Tradução: M. Silva. Brasil: **Marxists Org**, p. 6, 1984. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/zetkin/1896/10/women.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2020.



---

Emitido em 09/12/2025

**COMPROVAÇÕES Nº 111/2025 - CCLFRAN (11.02.25.17.05)**

**(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)**

*(Assinado digitalmente em 09/12/2025 09:06 )*

SUZANA PINTO DO ESPIRITO SANTO

COORDENADOR DE CURSO - TITULAR

CCLFRAN (11.02.25.17.05)

Matrícula: ###696#2

Visualize o documento original em <https://sipac.unifap.br/documentos/> informando seu número: **111**, ano: **2025**, tipo: **COMPROVAÇÕES**, data de emissão: **09/12/2025** e o código de verificação: **e89f9ec685**